novas da galiza

número 181
Setembro 2019
3 euros

acontece
Ponte Vedra volta dizer nom às touradas 5

direitos
Luita pola recuperaçom do espoliado pola família Franco 12

o bom viver
Cambedo: A batalha de 1946 racha o silêncio 22

álex rozados

6-11

Normalizaçom linguística?

Os últimos dados mostram umha aceleraçom sem precedentes do processo de substituiçom linguística ou, dito por outras palavras, da imposiçom e da normalizaçom do castelhano na Galiza. O balanço das políticas derivadas da Lei de Normalizaçom Linguística de 1983 é desolador. Porém, projetos como as escolas Semente que mostram que a esperança para o futuro do galego caminha por outras vias.

PANÓPTICO / **14**

Paco Cela: “Hoje existem as mesmas razons que ontem para a luita”

O antifascista corunhês, ex-preso político que resistiu 33 anos de prisom com medidas excecionais, considera que o alicerce para aturar tantos anos de encerro foi “a consciência e a memória”. Agora aterra de novo na sua cidade com as mesmas certezas ideológicas com as que entrou, valorando que na situaçom social de hoje “existem razons muito poderosas para continuarmos a manter as bandeiras que nos trouxérom até aqui”.

CONSELHO DE REDAÇOM/ Aarón L. Rivas, Alba Moledo, Charo Lopes, Isaac Lourido, Elena Martín Lores, Maria Álvares, Maria Rodinho, Raquel C. Pérez, Xian Naia S., Xoán R. Sampedro.

OPINIOM/ Isaac Lourido
OS PES NA TERRA/ Aarón L. Rivas
O BOM VIVER/ Conselho de Redaçom

CORREÇOM LINGÜÍSTICA/ Xian Naia S., Fernando V. Corredoira, Vichu García Torea, Rosa Casais, André Taboada Casteleiro
MAQUETAÇOM/ Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/ Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/ Miguel Valcarcel

COLABORAM NESTE NÚMERO/ Álex Rozados, Maria Vence, Javier L. - Disnomia, Nerea V. Lameiro, Nerea P. Oubel, Zélia Garcia, Héctor Barandela, Sabela Iglesias, Andar cos tempos, Brais Pedreira, Diego Bernal, Tito Ledo, Sara Villar Aira.

FECHO DE EDIÇOM 03/09/2019

EDITA/
Associaçom Cultural Minho Media

SUBSCRIÇONS/
assinantes@novas.gal

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

EDITORIAL / Um futuro anticapitalista para a defesa da língua

A defesa do galego continua a ser umha das linhas de açom prioritária do soberanismo e dos movimentos sociais críticos. O valor da língua como símbolo identitário e cultural, mas também de ligaçom com as classes populares, justificam um empenho que enfrenta na atualidade múltiplos desafios. Os últimos dados sobre a saúde da língua mostram umha aceleraçom sem precedentes do processo de substituiçom linguística ou, dito por outras palavras, da imposiçom e da normalizaçom do castelhano na Galiza.

O balanço das políticas derivadas da Lei de Normalizaçom Linguística de 1983 é, portanto, desolador. Se bem que a açom da Junta da Galiza se caraterizou nas primeiras décadas por umha estratégia de nom intervençom no conflito linguístico, o que equivalia na prática a reforçar a hegemonia do espanhol, na última década o PP assumiu o ideário do espanholismo mais radical, patenteado na legislaçom aplicada no ensino obrigatório. Por sua vez, a vontade de acomodaçom institucional tem provocado a deriva do nacionalismo hegemónico, e ultimamente de certos setores reintegracionistas, cara a propostas mais pragmáticas que desligam a defesa da língua dumha crítica geral do sistema.

Porém, a paralisaçom da Lei Valentim Paz Andrade ou o crescimento das escolas Semente mostram que a esperança para o futuro do galego caminha por outras vias. O êxito das escolas de ensino de galego é o melhor exemplo da capacidade de açom dos movimentos de base quando assumem a sua responsabilidade coletiva com critério próprio e sem dependências partidárias, para construir projetos de que beneficia toda a sociedade. Mas o percurso andado ensina-nos, também, que a discriminaçom do galego é apenas umha das formas que o capitalismo toma na Galiza e que a sua recuperaçom só será possível num cenário em que todas as outras opressons que sustentam o sistema forem também superadas. Eis o plano de trabalho coletivo que deve ser reforçado

alto falante
altofalante@novas.gal

'Salvemos O Iribio' precinta as máquinas de Fergo Galicia Vento instando à junta a paralisar as obras

A Plataforma 'Salvemos O Iribio', da qual fam parte mais de umha vintena de organizaçons ecologistas, culturais, vizinhais e políticas, realizou um ato simbólico para mostrar o rejeitamento das obras do parque eólico de Fergo Galicia Vento na mítica serra courelám do Iríbio, zona de Rede Natura 2000, ZEC, ZEPVN, área de campeio do Urso Pardo, BIC Caminho de Santiago e candidata a Reserva da Biosfera.
O ato consistiu em precintar os camions da obra como símbolo da paralisaçom à que a Junta devera estar instando à empresa Fergo Galicia Vento, dado que está a realizar as obras em contra da legislaçom ambiental vigente que proíbe a colocaçom de parques eólicos em zona de Rede Natura, ademais de já ter destruído parte do antigo Caminho Real, um neveiro e ter invadido o terreno de proteçom de umha mámoa, sem que fossem derivadas responsabilidades.

Ainda sendo publicada no passado dia 14 de agosto a resoluçom favorável ao projeto definitivo deste parque, vulnerando manifestamente a legislaçom ambiental, as obras estám a se desenvolver também em contra dos condicionantes ambientais e de carácter cultural que marca o próprio projeto, como som, entre outros, a falta de cumprimento do artigo 60 do Plano Diretor da Rede Natura ou a falta de um relatório arqueológico, prévio ao início das obras, tanto dos caminhos de acesso como da poligonal do parque.
A plataforma Salvemos O Iribio insta de novo e de maneira urgente à Junta a paralisar as obras, já que poderiam estar a exercer-se danos irreparáveis tanto para o espaço natural protegido como para o património histórico-cultural ligado ao Caminho de Santiago e ao antigo Caminho Real.
Por outra banda, a plataforma Salvemos O Iribio vem de iniciar umha solicitude de apoios através do portal Change.org para que a Junta cumpra a normativa vigente e impida a colocaçom de parques eólicos em zonas de Rede Natura. A solicitude vai dirigida ao presidente da Junta, Alberte Núñez Feijóo, ao Diretor Geral de Energia e Minas, Ángel Bernardo Tahoces, e aos concelhos de Samos e Triacastela.

Plataforma 'Salvemos o Iribio' /
Lugo, em 2 de setembro de 2019

Os governos sabem que o fim do problema passa por nom sucumbir aos interesses capitalistas que decidem quem vive e quem morre

A anedota dum naufrágio

MARÍA VENCE

A atual crise das refugiadas é o preâmbulo dumha situaçom muito mais complexa e preocupante, que ainda está por vir. A fugida maciça de milhares de pessoas através da cartografia mundial ocupa o foco mediático intermitentemente, sem tempo para analisar causas e motivos, sem interesse por compreender um fenómeno que parece condenado a desaparecer após umhas poucas semanas enchendo páginas de jornais.

A rebeliom dos pobres golpeia as portas das fronteiras do primeiro mundo. Os conflitos bélicos e a mudança climática alimentam os desequilíbrios e os êxodos rumo à esperança. Milhares de rohingyas esperam em balsas de bambu umha resposta que provavelmente nunca chegue, a América latina segue a dessangrar-se na fronteira com os Estados Unidos, o Médio Oriente é bombardeado sem escrúpulos e o Mediterrâneo converteu-se num campo de extermínio.

Ocasionalmente, um desses corpos rebeldes chega às brancas praias onde os turistas veraneiam e estremece o olhar de ocidente, que lamenta a catástrofe para voltar a esquece-la

Um labirinto de tortura e sofrimento conduze milhares de pessoas até as águas deste mar, aparentemente aprazível, onde os seus corpos afundem em silêncio e desaparecem para sempre, sem nome nem lápida. Ocasionalmente, um desses corpos rebeldes chega às brancas praias onde os turistas veraneiam e estremece o olhar de ocidente, que lamenta a catástrofe para voltar a esquece-la rapidamente.

De jeito pontual, as manchetes prestam atençom à anedota, à situaçom insustentável ou à heroína branca que resgata uns pobres desgraçados, mas o drama continua em silêncio, dia a dia e sem visos de deter-se.

É impossível que se detenha quando os interesses económicos de ocidente nos países com as rendas per capita mais baixas do mundo (mas com os maiores recursos naturais e recursos humanos de fácil exploraçom) tampouco cessam. Medram como um monstro lambom que nom tem limite, que é capaz de arrasar com todo o que tem ao redor, sem reparar na desfeita que está a causar. Umha bacanal mortífera.

As guerras, o medo, a fame, a esperança de ter umha vida melhor, umha vida digna, umha vida, sem mais, tampouco se detenhem. O ser humano tem instinto de sobrevivência. Frente ao perigo ou à pobreza qualquer umha empreenderia umha viagem cara ao desconhecido, se esse desconhecido se anuncia melhor. A diáspora galega, ao longo de sucessivas vagas, é ainda mui recente como para a esquecermos. Casualmente, a italiana, também. A história está cheia de ironias cruéis.

A soluçom rápida nom existe. Nem sequer abrir as fronteiras e oferecer rotas seguras é umha soluçom, só um paliativo. Esta medida deve ser tomada porque é a única que evitará mais mortes no imediato, mas a única soluçom que existe é reequilibrar o sistema.

Os governos atuam com desídia. Subjugados polos grandes interesses do mercado, conhecem a soluçom porque conhecem a raiz do problema, da qual som cúmplices. Sabem que abrir as fronteiras e deixar que uns quantos milhares entrem nom vai arranjar nada, esse é um mal menor, o problema é que seguirám a chegar porque a situaçom nos seus países de origem piora. Sabem que pôr fim ao problema é umha questom de longo percurso e que passa por deixar de espoliar as três quartas partes da populaçom mundial e nom sucumbir aos interesses capitalistas que decidem quem vive e quem morre para que a engrenagem nom pare.

Contra isso, o que nos seguirám a chegar som histórias desconexas de gente pobre que arrisca a vida por atravessar umha fronteira para viver melhor. Se conseguirem entrar, a história terá final feliz; se a história acabar mal, teremos umha nova fotografia sementada de cadáveres que comocionará o mundo e que nom mudará nada. E nisso ficará a cousa, numha terrível anedota mais.

María Vence é é jornalista e técnica em cooperaçom ao desenvolvimento.

opiniom

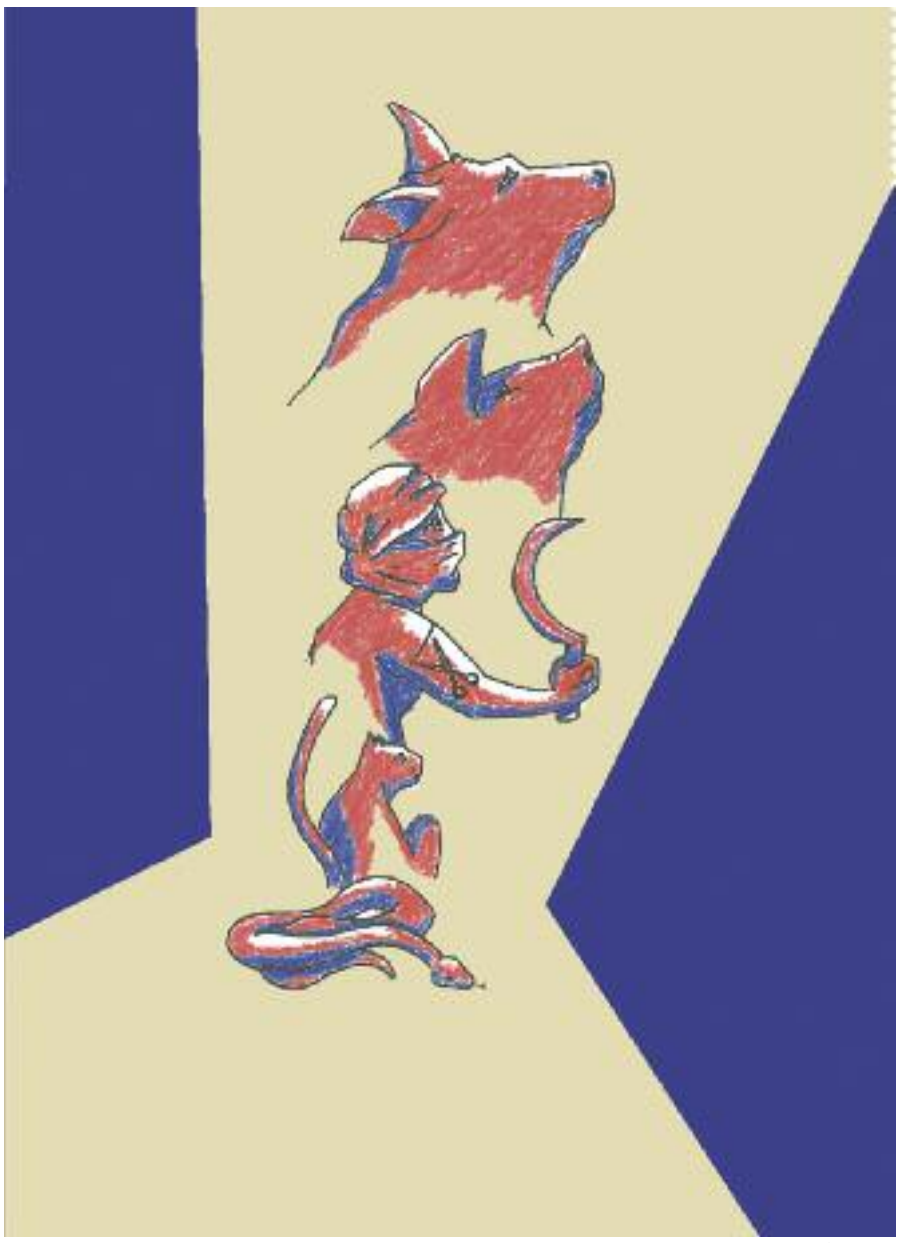
Quando falamos de maus-tratos a animais com um cadáver na boca

JAVIER L. - DISNOMIA

No início do mês de agosto, a vila de Ponte Vedra voltou a ser o cenário de eventos nojentos que tingírom a areia da praça com o sangue inocente de animais, para comprazer o sadismo doentio dum público felizmente cada vez mais escasso. Cumpre apontar que ao longo dos últimos anos, a solvência dos irmaos Lozano (responsáveis pola praça e pola organizaçom das atividades taurinas) foi minguando. A prova mais evidente é que, neste ano, o calendário ficou reduzido a um único fim de semana com dous atos, o qual contrasta com as festas de 2018, quando fôrom celebradas até três jornadas repartidas em dous fins de semana consecutivos.

Isto nom teria sido possível sem o trabalho de formiga realizado polas anti-taurinas galegas, que tanto na manifestaçom anual organizada por Touradas Fora de Pontevedra como por meio de diferentes açons descentralizadas levadas a cabo por ativistas anónimas (sabotagem de cartazes e propaganda taurina, ataques contra a praça ou contra os veículos utilizados para promover as touradas, assinalamento de empresas e negócios colaboradores, como o Grupo Caja Rural, de que é filial a Caixa Rural Galega e que leva anos a ser assinalado polo seu financiamento da tauromaquia...) danárom cada vez mais a imagem e a popularidade deste vil negócio que, por outra banda, na Galiza nunca contou com enraizamento nem com um respaldo político e financeiro significativo.

O panorama poderia parecer alentador e, se quadra, em anos vindouros comemoraremos o fim das touradas em Ponte Vedra e na Galiza. Contodo, algumhas ficamos com um sabor amargo na boca (nunca melhor dito) quando vemos que, enquanto as touradas som (em geral) enfrentadas com a maior das veemências, outras práticas que tamém suponhem um sofrimento mesmo maior para os animais som reproduzidas diariamente, apesar de existir abundantes alternativas ao nosso alcance.



nerea v. lameiro

O trabalho de formiga das anti-taurinas danou a imagem deste vil negócio, que na Galiza nunca contou com enraizamento nem com um respaldo político e financeiro significativo

Partimos da base de que as touradas som inaceitáveis porque causam sofrimento desnecessário. Já ficou demonstrado que alimentar-nos da carne ou das secreçons de animais doutras espécies tampouco é umha necessidade. Como pode alguém que ignora deliberadamente o sofrimento que causam aos animais os seus caprichos apontar com o dedo um taurino por fazer o próprio? Um prioriza um sabor, outro prioriza um divertimento.

Algumhas ficamos com um sabor amargo na boca quando vemos que, enquanto as touradas som enfrentadas com a maior das veemências, outras práticas que suponhem um sofrimento mesmo maior para os animais som reproduzidas diariamente

Ambos casos som justificados com a "tradiçom" e neles subjaze a mesma ideia: os seus caprichos por cima dos interesses doutros animais.

Cada vez dispomos de mais ferramentas para questionar o especismo de distintos olhares. Carol J. Adams falou em A política sexual da carne da relaçom entre a construçom do especismo e a do sujeito masculino no patriarcado, e da necessidade dumha focagem feminista da luita anti-especista. Angela Davis ou Margaret Robinson oferecérom olhares decoloniais e antirracistas. Jason Hribal ou Bob Torres achegárom análises críticas sobre a exploraçom animal da perspetiva da economia política marxista. Mas seguimos a ver como a luita anti-especista fica em segundo plano ou é reduzida a objeto de burla. Quando assumiremos tamém esta responsabilidade?

Javier L., ou **Disnomia**, é ativista anarquista e participa na editora e distribuidora Polaris e na editora Abordaxe!.

MAUS-TRATOS A ANIMAIS /

Ponte Vedra contra as touradas

redaçom
conselho@novas.gal

A Plataforma Touradas fora de Ponte Vedra vem de valorar "mui positivamente" a mobilizaçom contra os espetáculos taurinos nesta cidade, a qual tivo lugar no sábado 10 de agosto e mobilizou centos de pessoas. Nesta ocasiom fôrom mais de 130 os coletivos, associaçons e protetoras de animais que apoiárom a marcha anti-touradas "superando amplamente as ediçons anteriores", asseguram da plataforma.

Para Touradas fora de Ponte Vedra o futuro dos espetáculos taurinos encontra-se já em questom. Vicky Estévez, integrante desta plataforma, expom que a cada ano há mais gente nesta mobilizaçom, a qual coincide com as jornadas de espetáculos taurinos das festas da Peregrina. "Este ano há só um fim de semana corrida de touros, quando tem havido três fins de semana", expom Estévez. No fim de semana anterior, trás duas jornadas de corridas, celebrou-se umha 'becerrada'. "Quando os irmaos Lozano, donos da praça, anunciárom que este ano só havia um fim de semana a afeçom protestou e entom figérom umha 'becerrada', crias de touro para que três crianças de quatorze ou quinze anos, que vinhérom da escola de Albazete, praticassem com eles", salienta a ativista. Estévez assinala também que a celebraçom da 'becerrada' tem o sentido de que, ante a crise dos espetáculos taurinos na cidade, o empresariado taurino conta com o afám de fazê-los atrativos para a juventude. Porém, essa 'becerrada' nom conseguiu encher nem umha terça parte da praça.

Reivindicaçons

Este ano fôrom duas as reivindicaçons principais de Touradas fora de Ponte Vedra. Umha delas está destinada à Junta da Galiza, à qual exigem que as corridas de touros deixem de conformar umha exceçom na lei de proteçom e bem-estar animal. "Por culpa disso é que continua a haver corridas de touros. O próximo ano há eleiçons e o bom seria que as agrupaçons políticas que defendem o fim da tauromaquia se unissem para fazer força e que os touros estivessem dentro dessa lei", expom Estévez.

A outra reivindicaçom vai dirigida ao concelho de Ponte Vedra, quem mantém um convénio com os irmaos Lozano para o uso da praça de touros durante a Feira Franca, usufruto com que o concelho outorga 30.000 euros aos donos da praça. Da Plataforma contra as touradas salientam que, para além desse dinheiro, os empresários levam também o que se venda na cantina nesse dia, apontam que poderiam ser mais 30.000 euros. "É certo que retirar-lhes isso nom vai supor que rematem as touradas, mas sim seria outro pau", reflete Estévez. Porém, acrescenta que esse convénio "também recolhe que tenhem direito a pôr a sua publicidade taurina no espaço público; percorres Pontevedra e nas lampadas da rua há uns armatostes atados com cadeias quando nengumha outra associaçom pode fazer isso". Estévez indica que do próprio concelho asseguraram que o sentido desse convénio é ter um lugar que permita aligeirar o trânsito de gente polas ruas durante a celebraçom da feira medieval, mas da plataforma acham que pode haver alternativas antes de empregar a praça de touros.

> Este ano fôrom duas as reivindicaçons principais da mobilizaçom anti-taurina: umha destinada à Junta para que a tauromaquia deixe de ser exceçom na lei de proteçom e bem-estar animal, e outra destinada ao Concelho de Ponte Vedra, para que finalize o seu convénio com os donos da praça de touros

Por outra banda, da plataforma reconhecem alguns passos dados polos concelhos nos últimos anos, como som a "declaraçom da cidade como concelho contrário às touradas; a supressom das subvençons diretas; a eliminaçom da feira taurina do programa de festas; o fim da presença institucional na praça, a compra de entradas por parte do mesmo e, por suposto, os avanços dados pola Deputaçom de Ponte Vedra, instituiçom que durante o governo de Rafael Louzán foi a principal valedora do empresariado taurino".

Outras campanhas

No comunicado de imprensa enviado após a mobilizaçom do dia 10, Touradas fora de Ponte Vedra anuncia que nos próximos meses trabalhará para que em concelhos da contorna de Ponte Vedra se ponha fim à promoçom dos espetáculos taurinos nas ruas. A plataforma anuncia também que realizará umha campanha para reivindicar que nos desfiles de natal nom haja presença de animais.

LÍNGUA / CONFLITO LINGUÍSTICO

A língua, em luita contra a castelhanizaçom

Acelera-se a perda de galego-falantes enquanto mudam os preconceitos contra a língua galega

isaac lourido
xian naia s.

Umha descida brutal como língua de uso habitual, sobretodo nas pessoas mais jovens. Umha aparente melhora nas competências escritas e leitoras. Atenuaçom de velhos preconceitos, ainda que reformulados ou substituídos por outros de nova criaçom. Essa poderia ser a síntese da situaçom da língua galega na atualidade, observada polos movimentos e ativistas que trabalham na sua defesa com grande preocupaçom mas com esperanças renovadas. Para Marcos Abalde, professor de língua galega no ensino secundário e ativista em diferentes projetos, "a língua está perseguida por ser profundamente transformadora e, apesar das condiçons objetivas e subjetivas serem péssimas, continua a avançar por caminhos subterrâneos".

Enquanto a Junta da Galiza apenas pode apresentar como medalhas da sua política linguística o aumento do galego em certos usos institucionais e a ladainha de que "nunca tantas pessoas soubérom ler e escrever em galego", os argumentos contrários a esta avaliaçom otimista sustentam-se em certezas muito mais evidentes. No que di respeito aos usos, os dados fornecidos polo Instituto Galego de Estatística em 2013, relativos a inquéritos feitos em 2011, apresentavam umha realidade inédita na sociedade galega. Para além da aceleraçom desmesurada da castelhanizaçom das camadas mais jovens, visualizava-se com cifras o prático sorpasso do castelhano sobre o galego como língua habitual mais falada polo conjunto da populaçom. Se bem, como aponta a sociolinguista Bernadette O´Rourke, graças à introduçom do galego no ensino regrado "houvo umha geraçom que estava em contato com a língua, que aprendeu a ler e escrever, o que podemos entender como neofalantes potenciais", em palavras da própria O´Rourke, "esta potencialidade de usos nom foi quem de produzir neofalantes ativos".

Segundo Celso Álvarez Cáccamo, professor de Linguística na Universidade da Corunha (UDC), esta pauta geral de conduta linguística nom deve ser interpretada como umha "livre escolha" do espanhol como língua preferente de relacionamento social, senom que estamos ante "processos sociolinguísticos com base material que é necessário compreender para combatê-los".

O alarme levantado por estes dados nom impede que os movimentos em favor do galego deixem de olhar criticamente outros aspetos. O desenvolvimento dum modelo linguístico altamente interferido polo castelhano e o efeito desgaleguizador da escola tenhem sido alguns dos alvos destas críticas. Para o primeiro dos problemas, a defesa dumha língua de qualidade ou a convergência com o modelo português continuam a ser as alternativas preferidas por diferentes propostas académicas e de base.

No ensino, o crescimento da rede de escolas Semente constitui na atualidade um dos projetos com mais energias ativistas, enquanto nos centros públicos as docentes se vem obrigadas a desenvolverem novos sistemas de ensino-aprendizagem para o alunado que carece de qualquer contato com o galego e cujas competências, sobretudo na expressom oral, som extremamente fracas. A aprendizagem do galego para pessoas adultas viu-se também seriamente afetada na última década, dada a quase completa extinçom dos cursos preparatórios dos exames para obter os certificados oficiais de conhecimento do galego (Celga), deixando sem esta opçom formativa gratuita um grande número de demandantes.

Nos dados fornecidos polo Instituto Galego de Estatística visualizava-se com cifras o prático 'sorpasso' do castelhano sobre o galego como língua habitual mais falada polo conjunto da populaçom

Preconceitos que se transformam

Os preconceitos e os discursos sociais associados a umha língua som ou-

LÍNGUA / CONFLITO LINGUÍSTICO

galiza contrainfo

A aposta numha política linguística de nom intervençom real, provocou que a melhora nas atitudes e na predisposiçom a falar galego nom se correspondesse com a construçom de "possibilidades e espaços em que o galego esteja realmente normalizado", aponta Bernardette O'Rourke

Alguns dos preconceitos mais arraigados na atualidade seriam aqueles que discriminam o galego pola sua falta de utilidade prática ou os que falam de "imposiçom linguística"

tros dos índices para medir a sua saúde. Para Bernardette O'Rourke, a açom institucional das últimas décadas permitiu mudar a consideraçom social do galego, que passou a ser considerado umha língua de pleno direito, após a sua perceçom histórica como simples dialeto do castelhano. No entanto, para a mesma autora, a aposta numha política linguística de nom intervençom real, provocou que a melhora nas atitudes e na predisposiçom a falar galego nom se correspondesse com a construçom de "possibilidades e espaços em que o galego esteja realmente normalizado, polo que sobretodo nas cidades continua a ser vista como língua marcada e fora de lugar".

Estudos como os de Ana Iglesias Álvarez, professora da Universidade de Vigo, explicam a natureza social e cambiante dos preconceitos sobre o galego. Deste modo, tem-se observado que muitos dos preconceitos históricos parecem ser hoje rejeitados maioritariamente pola sociedade galega, dado a defesa da língua própria, ainda que nom implique um uso consequente, ter entrado na esfera do "politicamente correto".

Porém, muitos desses preconceitos, sem serem veiculados de maneira pública ou consciente, permanecem ou som reformulados, combinados com frequência com novos discursos negativos que aparecem em cada momento histórico. Alguns dos mais arraigados na atualidade seriam aqueles que discriminam o galego pola sua falta de utilidade prática ou os que falam de "imposiçom linguística", da dificuldade ou do caráter desnecessário da matéria de galego no ensino.

A polémica suscitada pola suposta discriminaçom do estudantando galego nas provas de acesso à universidade neste mesmo ano, em relaçom ao resto de estudantes do Estado espanhol, constitui o último episódio dumha estratégia que o Partido Popular tem vindo a ensaiar de maneira clara desde 2008, com o reforço último de partidos galegófobos como Ciudadanos. Por sua vez, umha campanha promovida neste ano pola Mesa pola Normalización Lingüística contrarrestava o discurso da "imposiçom" oferecendo dados contundentes sobre a exclusom do galego em âmbitos como o do ensino, a justiça ou os meios de comunicaçom.

no foco

LÍNGUA / CONFLITO LINGUÍSTICO

noelia p. oubel

O que nos deixa a 'cultura da normalizaçom'?

A última década deixou ao movimento em defesa da língua na procura de novas linhas de trabalho

isaac lourido
xian naia s.

Após décadas da estratégia institucional da denominada normalizaçom linguística, as críticas formuladas som diversas. Considerada por muitas ativistas e especialistas da língua como inexistente e, por outros, como o sociolinguísta Mário H. Valeiro, como a eficaz normalizaçom linguística do castelhano na Galiza, o certo é que os seus efeitos tenhem relaçom direta com a situaçom atual da língua e dos falantes de galego. Para Raquel Paz, membro da Associaçom de Estudos Galegos (AEG) e da Comissom de Língua da Gentalha do Pichel, as instituiçons espanholas autonómicas na Galiza "nom tinham umha análise esclarecedora da situaçom da língua e portanto, nom puidérom oferecer soluçons a situaçons que desconheciam". Nesse sentido, Paz explica que "a normalizaçom que conhecemos na Galiza por parte das instituiçons carece de estratégia em longo prazo, bem por incapacidade, ignorância ou carência de interesse real".

Eduardo Maragoto, presidente da Associaçom Galega da Língua (AGAL), afirma que "a situaçom da língua nom é boa, mas nom é nada que nom se pudesse prever há 40 anos, quando começou a etapa atual da história da língua, apesar de protegida por umha Lei de normalizaçom linguística e amparada polo Estatuto de Autonomia".

> Eduardo Maragoto (AGAL): "A situaçom da língua nom é boa, mas nom é nada que nom se pudesse prever há 40 anos"

Na história da cultura da normalizaçom, também o nacionalismo galego tem um papel relativamente central. Na década de 80, o discurso ideológico do nacionalismo galego institucionalizado representado polo BNG transita de posiçons contrárias à institucionalizaçom e à cultura da normalizaçom para umha integraçom dum discurso especificamente centrado na língua como elemento cultural e patrimonial. Assim, das posiçons de anos anteriores em que eram centrais o colonialismo e o conflito linguístico, entendido como um conflito político, passa-se para umha luita fundamentada nos direitos linguísticos, de mínimos específicos. Desta forma, dum objetivo principal do nacionalismo como era o monolinguismo social em galego, e que seguiu-se explicitando nos setores do independentismo, dilui-se a luita pola língua como umha guerra cultural, um objetivo que pode ser atingido sem mudar o sistema político e económico.

LÍNGUA / CONFLITO LINGUÍSTICO

noelia p. oubel

As estratégias reintegracionistas

A difícil situaçom do galego, recrudescida na última década pola açom dos governos do PP, provocou umha reativaçom do movimento em defesa da língua e a procura de novas linhas de trabalho. Para Celso Álvarez Cáccamo, no entanto, o ativismo linguístico carece dumha estratégia real e está baseado antes bem em "campanhas fragmentárias, às vezes sob lemas irreais, como 'Na Galiza, só em galego', e sem continuidade".

No âmbito do reintegracionismo assistimos à diversificaçom de estratégias e de grupos de intervençom. Enquanto o trabalho da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP) se focou no reforço das relaçons entre instituiçons oficiais galegas e do resto da lusofonia, propiciando a admissom em 2018 da AGLP como observadora consultiva da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, mudanças recentes no rumo da AGAL provocárom a cisom dumha parte dos seus integrantes e a criaçom, em 2016, da AEG.

Um dos principais motivos de discrepância foi a equiparaçom feita pola AGAL entre a sua proposta ortográfica histórica e o Acordo Ortográfico vigorante nos países de língua portuguesa, chamado de "galego internacional", decisom interpretada pola AEG como umha renúncia a possuir um padrom nacional galego. Eduardo S. Maragoto, presidente da AGAL, argumenta a escolha na necessidade do movimento em defesa da língua dar atençom preferencial ao seu cabimento no mundo globalizado atual, dado que "o galego, além de língua de identificaçom, deve sê-lo também de comunicaçom e para isso deve estar preparada para comunicar com o mundo lusófono".

Mas a reorientaçom da AGAL assenta também na atraçom para o reintegracionismo de setores sociais alargados e heterogéneos ideologicamente, assim como na aposta numha política de cordialidade e entendimento com as instituiçons oficiais. Este diálogo tem atingido até entidades que, como a Real Academia Galega, sustentam ideias antagónicas a respeito da língua e som consideradas polos setores críticos como responsáveis pola marginaçom social do reintegracionismo. O 'binormativismo', isto é, o reconhecimento oficial e em pé de igualdade de duas ortografias para o galego, umha entendida como "variante local" (a ortografia atual da RAG) e a outra como "internacional" (o Acordo Ortográfico), tem sido umha das propostas da AGAL mais intensamente debatidas no último ano, com participaçom profusa de apoiantes e detratores de diferentes âmbitos, incluídos alguns ligados aos setores da oficialidade.

> Dum objetivo principal do nacionalismo como era o monolinguismo social em galego, dilui-se a luita pola língua como umha guerra cultural, um objetivo que pode ser atingido sem mudar o sistema político e económico

> Para Celso Álvarez Cáccamo o ativismo linguístico carece dumha estratégia real e está baseado antes bem em "campanhas fragmentárias, às vezes sob lemas irreais, como 'Na Galiza, só em galego', e sem continuidade"

Reivindicaçom linguística e projeto político

Porém, frente à apariçom destas e doutras propostas, como aquelas baseadas na reivindicaçom dos direitos individuais dos utentes da língua galega defendidas pola Mesa pola Normalización Lingüística, Celso Álvarez Cáccamo advirte que na recuperaçom da língua "nom todas as estratégias som válidas nem úteis" nem é adequado confiá-la a um "mercado livre de ofertas 'normalizadoras', cada qual mais curiosa". Para o professor da UDC, a insistência neste tipo de estratégias, como aquelas que apelam às vantagens económicas da integraçom na lusofonia, reproduzem as mesmas lógicas mercantis do capitalismo e impedem atingir, portanto, o objetivo da emancipaçom social, o único que garantiria umha situaçom de justiça linguística para o galego.

Esta necessidade de integrar a reivindicaçom linguística num projeto político global, que abrange a superaçom das dominaçons de classe, de género ou nacional, é interpretada por Marcos Abalde à luz do conceito de interesecionalidade, a aliança de diferentes luitas emancipadoras que tenhem pregoado algumhas correntes do feminismo. Para Abalde, trataria-se de articular "um diálogo enriquecedor entre as diferentes identidades e comunidades subjugadas, oprimidas e marginadas", perspetiva que nos permitiria observar a causa do galego como concretizaçom dum "projeto universal de igualdade e dignidade entre as línguas", na linha do que vem defendendo o ecolinguismo.

No entanto, para Eduardo Maragoto, presidente da AGAL, é preferível o trabalho autónomo de cada reivindicaçom, dado que "qualquer projeto deve tentar ganhar a simpatia da sociedade no seu conjunto, sem ver-se afetado por outros vaivéns ideológicos naturais nas sociedades", ao mesmo tempo que nom descarta a hipótese de que no futuro "setores alheios ao galeguismo poderám ver com simpatia que o seu património pode ser usado para criar laços com o mundo lusófono".

no foco

LÍNGUA / PLANOS DE FUTURO

Os movimentos sociais na reativaçom do galego

isaac lourido
xian naia s.

A importância concedida à língua como constituinte da identidade nacional e elemento simbólico que define as luitas populares, tem provocado que a imensa maioria dos movimentos de base assumissem a sua defesa como objetivo prioritário.

Para Marcos Abalde, "todos os avanços para a reativaçom do galego venhem dos movimentos de base -partidos, sindicatos, associaçons-", enquanto para Raquel Paz a principal valia destes movimentos assenta no seu "enorme trabalho de socializaçom da língua, nomeadamente em contextos urbanos, ao criarem espaços bem reais de vida para o galego". Da mesma opiniom é Bernardette O'Rourke, que afirma que a mudança do status quo deve estar necessariamente baseada numha intervençom consciente de atores sociais e novas minorias ativistas que podem influenciar o resto da sociedade.

Porém, nom falta nestas e noutras vozes a perceçom de que a capacidade de intervençom dos movimentos tem determinados limites, quer polo número de pessoas que conseguem atingir quer pola impossibilidade de desenvolverem políticas verdadeiramente influentes na escala nacional. Se bem que Eduardo Maragoto reconhece a escassa capacidade dos movimentos de base para promoverem o uso direto do galego, também ressalta que "bastante temos feito já todos e todas nós por colocar o galego no centro da agenda político-associativa durante décadas". A necessidade da correlaçom entre trabalho de base e políticas oficiais é colocada no centro por Marcos Abalde, para quem "a capacidade dos movimentos é pouca se nom se aplicam políticas de normalizaçom transversais e decididas desde o governo galego", frisando que "é importante tomar o poder, já que o voluntarismo é importante, mas nom avonda".

Por sua vez, Celso Álvarez Cáccamo fai um chamamento para os movimentos deixarem de ver-se a si próprios como simples "ativistas" e passem a ver-se "como parte da ainda necessária vanguarda de transformaçom social, económica e cultural". Propom para isso superar "a atomizaçom das forças próprias" e "articular formalmente umha efetiva rede nacional de açom, que procure aproveitar ao máximo os seus recursos". Para o investigador da UDC, a estratégia mais eficaz continua a ser a formaçom das pessoas, "formação técnica, política, ideológica, académica, em torno do que é e como é o capitalismo atual, as suas lógicas e o seu funcionamento, com o papel das línguas e outros objetos simbólicos dentro dele, e sobre as vias para a sua superação".

> Eduardo Maragoto (AGAL): "Bastante temos feito já todos e todas nós por colocar o galego no centro da agenda político-associativa durante décadas"

Em relaçom à necessária formaçom dos movimentos de base, Marcos Abalde incide na necessidade de aprofundar na repressom histórica do galego e dos seus falantes para dar resposta à situaçom que vem de 1936 e que provoca ainda hoje um "trauma histórico, um trauma psicossocial, quer dizer, coletivo e acumulativo, fruto dumha violência extrema, permanente e capilar contra a populaçom galegofalante". Abalde tem trabalhado nesta perspetiva nos últimos tempos, o que do seu ponto de vista amplia a análise da língua e "interpela todas as pessoas que defendem a justiça social e os direitos humanos". "O conjunto da sociedade desconhece o carácter genocida e totalitário do fascismo espanhol", di Abalde, que o acha responsável direto da perda da língua e do "péssimo diagnóstico psicossocial do povo galego".

Iniciativas institucionais

A perceçom dos limites a que o trabalho de base se enfrenta motivou no último lustro o ensaio de vias de trabalho mais ligadas à açom institucional oficial. Cumpre mencionar neste sentido a Iniciativa Legislativa Popular 'Valentim Paz-Andrade", promovida por diferentes atores e associaçons reintegracionistas e orientada ao aproveitamento cultural, social e económico da língua portuguesa e dos vínculos com a lusofonia. Embora a ILP fosse transformada em lei e aprovada por unanimidade do parlamento galego em março de 2014, tenhem sido já várias as vozes que manifestárom a sua insatisfaçom com o seu escasso desenvolvimento.

Numha carta endereçada em junho de 2018 a Alberto Núñez Feijoo, a AGLP, a AGAL e a Fundaçom Meendinho, com a adesom da AEG, manifestárom o seu "mal-estar polo nulo desenvolvimento jurídico [da lei], incumprindo o compromisso adquirido durante a negociação connosco, e com os grupos parlamentares galegos".

Doutra perspetiva, um estudo rea-

LÍNGUA / PLANOS DE FUTURO

Celso Álvarez Cáccamo fai um chamamento para os movimentos deixarem de ver-se como "ativistas" e passem a ver-se "como parte da ainda necessária vanguarda de transformaçom social, económica e cultural"

lizado polo investigador Elias Rodriguez Fernández na UDC, evidenciou que o escasso desenvolvimento da Lei Paz-Andrade tem como origem principal a falta de vontade política da Junta. No mesmo estudo, conclue-se que, apesar da assinatura pontual de convénios e acordos institucionais, o governo galego nom desenhou planificaçons nem destinou orçamentos específicos para atingir os objetivos previstos, além de ter-se recusado à rendiçom de contas exaustiva e pormenorizada a que o obriga anualmente o próprio texto legislativo.

Esta tensom entre política institucional e trabalho de base poderia marcar também as comemoraçons do próximo Dia das Letras Galegas. A escolha de Ricardo Carvalho Calero, após anos de reivindicaçom por parte de setores alargados da cultura galega e de censura da RAG, tem sido já objeto de debate e discussom no interior dos movimentos em favor da língua galega. Enquanto a AGAL considera este reconhecimento como um passo necessário para a concórdia institucional e para a melhor integraçom do reintegracionismo no movimento normalizador, nom falta quem tenha erguido a voz para se perguntar sobre a possível manipulaçom que de Carvalho Calero poderá ser feita pola RAG, quanto às suas teorias linguísticas, à codificaçom ortográfica das suas obras ou, até, à maneira de escrever os seus apelidos.

Escola Semente de Lugo

Estratégias para o futuro

À hora de pensar as melhores estratégias de cara ao futuro, Eduardo Maragoto insiste na necessidade de reforçar os vínculos comunicativos com a lusófonia para "manter, também, certa qualidade linguística daqui a umhas décadas". Raquel Paz, no entanto, matiza que a via reintegracionista permite, além dessa integraçom internacional, "ter umha língua nacional", sendo nos movimentos de base onde "pessoas nom especialistas da língua podem se identificar com maior facilidade".

Para Marcos Abalde, o futuro da língua passa por manter o número de galegofalantes habituais na próxima década ou mesmo aumentá-lo. Para tanto, seria prioritário centrar os esforços nas pessoas mais jovens, elaborando protocolos concretos no ensino público ou criando itinerários formativos diferenciados pola língua veicular. Abalde acha que "o itinerário em língua galega seria o hegemónico e daríamos um passo de gigante".

A necessidade de confrontar a açom castelhanizadora do ensino oficial tem motivado o crescimento da rede nacional de escolas Semente. Promovida polo centro social compostelano da Gentalha do Pichel, a primeira escola abriu em 2011 com um modelo que se estendeu posteriormente a diferentes pontos da geografia galega. Após a criaçom nos últimos meses das Sementes da Amaia e da Corunha, e da abertura do ensino primário na Semente de Trasancos, a rede contará no próximo ano académico com escolas de ensino infantil em seis localidades e de ensino primário em duas.

A sua definiçom como projeto cooperativo e autogerido tem levantado receios e críticas por parte daqueles setores que acham prioritário continuar a luitar por um ensino público que garanta o futuro da língua. Porém, para O'Rourke "o futuro da língua depende dos falantes e as iniciativas em defesa do galego promovidos por minorias ativas e conscientizadas, como o caso da Semente".

A definiçom da Semente como projeto cooperativo e autogerido tem levantado receios e críticas por parte daqueles setores que acham prioritário continuar a luitar por um ensino público que garanta o futuro da língua

Na opiniom de Raquel Paz, estamos perante "um projeto indispensável para o país", enquanto Bernardette O'Rourke destaca que iniciativas deste tipo som as que permitem transitar da reclamaçom de direitos individuais para a assunçom da língua como responsabilidade coletiva. Baseadas num modelo de manutençom e imersom linguística, as escolas Semente incorporam na sua pedagogia outros princípios transformadores que nem sempre encontramos no ensino público, como a laicidade, o assemblearismo, a interaçom com a natureza ou o respeito pola autoregulaçom da criança.

O paço de Meirás: emendando a memória histórica

elena martín lores
elenamartínlores@novas.gal

O Paço de Meirás permanece erguido, em silêncio, como alheio ao que representa e representou na história da Galiza. Este edifício de pedra é um símbolo e umha reivindicaçom para a recuperaçom e a reparaçom da memória histórica. Trás décadas nas mans da família do ditador Francisco Franco, a demanda social é hoje mais intensa para devolver o paço ao povo galego, umha luita em que associaçons pola recuperaçom da memória histórica e a vizinhança de Sada, onde se encontra o paço, tivérom um papel fulcral.

Aquela que fora vivenda de Emilia Pardo Bazán e depois do seu filho Jaime, assassinado em 1936 em Madrid, acabou convertido num "paço pago polo povo galego" –através de subscriçons populares por parte das vizinhas, que em nengum momento eram realmente voluntárias– e oferecido a Franco polas elites corunhesas" unidas sob o nome de *Junta Pro Pazo del Caudillo*. Estas procuravam ter Franco perto com a esperança de conseguir títulos, como se comenta no documental *O espolio do Pazo de Meirás* da Deputaçom da Corunha e a Xunta Pro Devolución do Pazo de Meirás. "Ainda que constava como propriedade do ditador, foi gerido como se se tratasse dum bem público e as suas reformas eram pagas polo Estado e os seus terrenos conseguidos através de incautaçons".

Carlos Babío, co-autor junto com Manuel Pérez do livro *Meirás: un pazo, un caudillo, un espolio* editado em 2017, já começou há anos a interessar-se pola história do paço e por como os Franco conseguírom nem só o edifício, mas também as terras contíguas, que antes de 1938 eram propriedade da vizinhança de Sada. É o caso da sua avó, que perdeu a sua casa, como muitas outras pessoas que se vírom na obriga de ceder os seus terrenos sob ameaças diárias. Por outra banda, em dezembro desse ano, o paço fora doado ao ditador por parte da *Junta Pro Pazo*, pero a titularidade continuava sendo pública em todo momento. Nom é até o ano 1941 que se regista ante notário umha compravenda entre particulares –entre a família Pardo Bazán e a família Franco– num documento. Esta segunda compra seria fraudulenta, como explica

> "A luita serviu também para que mais gente entendesse o que aconteceu de verdade em relaçom ao Paço"

Babío, que leva anos buscando este documento que por fim se encontrou na Corunha em julho deste ano.

Um documento chave para a devoluçom do paço

"No nosso livro falamos já desse documento, apesar de que nom o tínhamos fisicamente", conta Carlos Babío. "Nós sabíamos da sua existência porque as autoridades corunhesas, a partir do 27 de março de 1938, falam constantemente desse documento. Embora nesse momento nom existisse, porque nom se tinha escriturado até agosto, sim sabíamos que estavam em processo de escritura do Paço de Meirás em nome da *Junta Pro Pazo del Caudillo*. Esse documento encontrou-se depois pola advocacia do Estado no Arquivo de Protocolos Notariais, umha vez que nós nos dedicamos a trabalhar com eles para colaborar na documentaçom deste processo. O arquivo de Protocolos Notariais nom é um arquivo que funcione de forma normal. Para aceder à documentaçom tes que legitimar-te –ser familiar ou demonstrar ser pessoa interessada desde o ponto de vista legal– para poder aceder ao arquivo", explica Babío ante as dificuldades para dar com o papel.

Este documento é umha peça fulcral para a devoluçom do Paço de Meirás ao povo galego porque demonstra que em 1938 o Paço de Meirás era propriedade da *Junta Pro Pazo del Caudillo*. "Isto prova que era umha propriedade onde havia umha participaçom pública e, portanto, o Paço de Meirás era público. Essa é a questom. Nom era umha escritura que se pugesse no nome de Franco, mas umha escritura que di que compram o paço, que o ponhem a nome da *Junta pro Pazo* e que a intençom deles é doar-lho a Franco. Depois, em 1941, fai-se desaparecer essa, digamos, 'compra' e o que se fai é umha simples compra-venda entre particulares –Manuel Esteban Collantes, que já o vendera no ano 1938 à *Junta Pro Pazo*, e Francisco Franco que atuava como valor notarial. Por consequência, umha compra nula, falsa e fraudulenta a efeitos jurídicos", conta o historiador.

Retrato da família Franco

> "Muitas pessoas vírom-se obrigadas a ceder os seus terrenos baixo ameaças diárias", expóm Carlos Babío, co-autor do livro 'Meirás: un pazo, un caudillo, un espolio'

Este documento abre a via para a devoluçom do paço por duas questons principais, por umha banda, prova que o paço nunca foi da família Franco e, por outra banda, por algo que se conhece como "usurpaçom". "É umha usurpaçom polo uso continuado dumha propriedade onde o estado demanda o uso dessa propriedade. Ali, em Meirás, tomou-se essa finca como residência de verám oficial do chefe do estado, onde se celebravam conselhos de ministros anualmente desde 1946, e onde o estado, através do património nacional e das administraçons do estado, pagava todos os gastos. Como a residência de inverno ou qualquer outro palácio de caráter público através de património nacional, o funcionamento era exatamente o mesmo", remata Babío.

O trabalho pola recuperaçom da memória histórica

O que denunciam desde as associaçons, como as 19 de Meirás, é que tam importante é exumar os restos de ditador do *Valle de los Caídos* para o estado espanhol, como para a Galiza recuperar este lugar e impedir que a família Franco siga entrando no paço com total liberdade e impunidade. Para denunciar e fazer visível esta realidade, fôrom fundamentais tanto a açom simbólica feita no paço por parte deste grupo em agosto de há dous anos, como os trabalhos dos vizinhos, e investigaçons como a levada a cabo por Babío e Pérez. Isto evidencia a importância de luitar por emendar os danos provocados polo regime fascista que ainda som visíveis hoje em dia. Desde o concelho de Sada alegram-se e entendem que a luita serviu também para que mais gente entendesse o que aconteceu de verdade em relaçom ao paço, e veja o Paço de Meirás como um símbolo de recuperaçom da memória e como umha injustiça se segue em mans da família Franco por mais tempo.

panóptico

zélia garcia

Em abril deste ano, o galego Paco Cela saía da prisom de Picassent depois de 33 anos dispersado por todo o Estado espanhol. Nesta conversa com o ex-preso do GRAPO e PCE-R falamos sobre a sua militância desde finais do Franquismo, a resistência fora das prisons, a solidariedade e a entrega dumha vida de luta com todas as consequências. Este encontro era mui necessário, Paco Cela recebia cada mês este jornal que tens nas tuas maos em celas de isolamento, a centenas de quilómetros de casa

Paco Cela
ex-preso
antifascista

héctor barandela

“Conseguíramos algumhas liberdades à base de luita, agora é só individualismo”

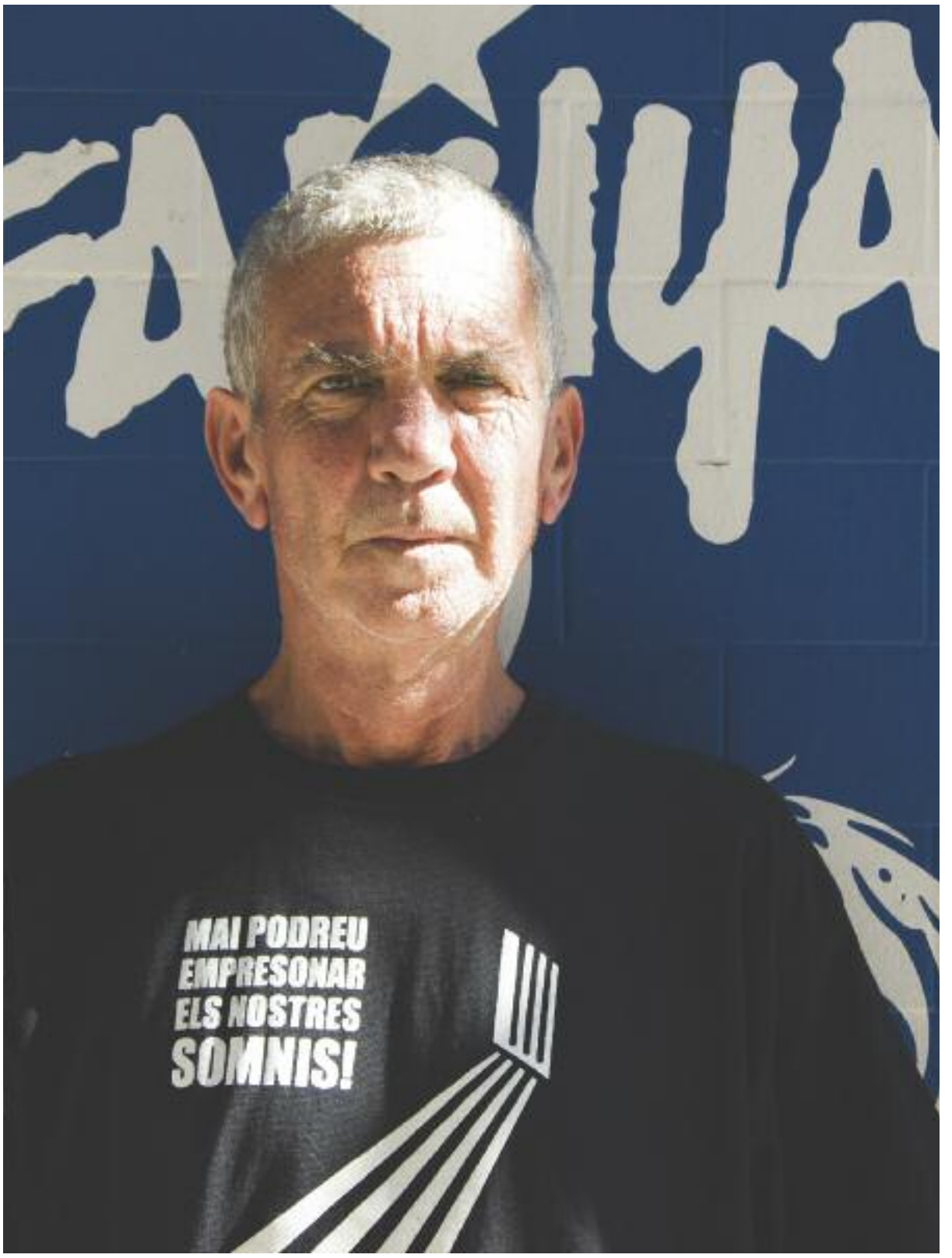
Quando é que dá começo a tua militância?

Coincide com os últimos anos do franquismo, foi aí que começámos a tomar consciência em favor do movimento operário da nossa terra. O movimento operário e popular está a crescer e ganha um carácter político ao se juntar a reivindicaçom pola amnistia e pola dissoluçom dos corpos repressivos. Já com 14 anos tinha preocupaçons políticas.

Foi nessa época na que entras em contato com o PCE-R, e dás o passo para clandestinidade?

Entrámos em contato com o PCE-R e organizámo-nos. Dous colegas, Albino Gabriel López e Roberto Liñeira, tenhem de passar para a clandestinidade porque estavam já na mira da polícia política. Estes dous colegas passam por prisom sendo que Albino sofre dumhas torturas bestiais, chegando mesmo a lhe queimarem os pés com maçaricos e tendo de passar mais de um ano a recorrer a muletas para caminhar. Ao sair reencontrámo-nos no bairro, na Agra do Orçám, e reforça-se o meu compromisso. Roberto e Albino com outros dous camaradas (Dolores Castro e Antonio Cabezas) fôrom assassinados pola Guarda Civil em Girona. Desencadeia-se umha campanha mui forte de denúncia, colocámos uns explosivos num edifí-

"Penso que hoje, mais do que nunca, existem razons muito poderosas para continuarmos a manter as bandeiras que nos trouxérom até aqui"



héctor barandela

cio das Finanças para dar resposta a este assassinato. Caim em outubro de 1981, tendo saído em 1983 reincorporando-me à luta, o que fijo que voltasse a cair em 1985. Após 20 anos saim em 2005, incorporei-me ao PCE-R em 2006 e voltei a cair em junho de 2007 até 29 de abril deste ano em que saim em liberdade.

Como era a cadeia quando entraste em 1981 e como som os estabelecimentos prisionais agora?

A cadeia reflete sempre a rua. Naqueles anos nom só os presos políticos, mas os sociais também começam a organizar-se e a exigirem condiçons de vida dignas. Está a COPEL (Coordenadora de presos em luta), há muitos motins e protestos, e muita repressom. Com os presos do GRAPO, visto que éramos um movimento novo (a primeira açom que realizámos foi em primeiro de outubro de 1975 como resposta ao fuzilamento em 27 de setembro de três militantes do FRAP e dous da ETA, tendo o partido sido constituído em junho de 1975), a política que aplica o Estado é a de nos banir fisicamente, tanto na rua, onde assassinam militantes, como na cadeia. Estávamos em duas prisons (Herrera de la Mancha e Zamora), em celas de isolamento onde sofremos provocaçons, malheiras. Na cela nom havia nada, duas mudas e o colchom que tinhas de sacar às oito da manhá. Nom havia mesa, e para poder comer tínhamos que comprar umha caixa de água de cartóm e nela comermos. Tínhamos fio musical: despertavam-nos com o hino da Guarda Civil e deitávamo-nos com o *Novio de la Muerte*. As comunicaçons eram de cinco minutos, censura completa da correspondência podendo apenas escrever duas cartas por semana e dumha só folha.

Como coletivo de presos para fazer face a essa situaçom decidis coletivamente enfrentar a primeira greve de fome, como foi esse momento?

Foi umha decisom firme, até as últimas consequências. Aos 90 dias morreu o camarada Kepa, mais outros seis e sete camaradas encontravam-se em risco de morte, ganhámos e tivérom que nos reagrupar. Ganhámos umhas mínimas condiçons de vida dignas, com as Comunas de Presos Políticos. Organizámo-nos na cadeia, fazíamos grupos de estudo e de debate, com formaçons e trabalhos manuais. A partir de 1987 é-nos aplicada a política de dispersom. Como resposta demos início a mais umha greve de fome para acabar com essa política, durou 436 dias. As greves de fome som mui duras, a pior prova a que te podes ter de enfrentar. Nela morreu outro camarada, Sevillano, muitos camaradas ficárom com sequelas, e desta vez, nom conseguimos os objetivos. A partir daí as condiçons fôrom sempre duras. É umha política, e nom exagero, de extermínio. Como alternativa, se cedes, se abaixas os braços, se lhe chamas de democracia ao que nom é, fazer-che a vida um pouco mais fácil.

Como é passar tantos anos privado de liberdade e tam longe de casa? Que motivaçons che ajudárom neste tempo?

panóptico

héctor barandela

É umha corrida contra o tempo, umha maratona. Fôrom a consciência e a memória o que me ajudou a aturar tantos anos de prisom. Nós, quando nascemos, bebemos das fontes da guerrilha antifranquista. Aqueles homens e mulheres lutavam numhas condiçons de dureza extrema, inumana, no monte, isolados, abandonados por uns e traídos por outros, e mesmo assim mantivérom as bandeiras do seu povo em alto. Quando assumes o compromisso de tirares avante com um projeto revolucionário, sabes bem que o teu destino tem é dous caminhos: morreres num confronto com o fascismo ou a prisom. Outra questom básica para mim é a lealdade com a minha classe e com o meu povo. Nom somos nós os que mais sofremos com isto, mas os operários, as classes populares.

Eu acabo de sair e aquilo que vejo é umha sociedade desfeita. Nom há esperança no futuro, os trabalhos escravizam, as pensons nom chegam, as pessoas som despejadas das suas casas. Isto nom está a correr bem. E no plano político é também terrível, porque vendo o que vimos no franquismo, tínhamos conseguido algumhas liberdades à base de luta, mas agora temos é só individualismo e fraquezas. Agora mesmo por fazeres umha cançom levas no papo umha denúncia por enaltecimento do terrorismo. Olhando para trás penso que hoje, mais do que nunca, existem razons muito poderosas para continuarmos a manter as bandeiras que nos trouxérom até aqui.

Enquanto preso, o teu irmao Carlos Cela foi detido na sequência de umha montagem policial contra a solidariedade com os presos sendo encarcerado nove meses no ano 2008. A tua mae foi criminalizada polos meios e a Polícia, tendo mesmo sido recentemente arguida por enaltecimento do terrorismo, como é que se gere isto tudo, a repressom de que é alvo a tua família por se mostrar solidária, desde prisom?

Lidas com isto da forma como conseguires. Tenho imenso orgulho, é incrível, desde o ano 1981 até 2007, a minha família nom se vergou nunca, figesse calor ou frio, lá estavam a me visitar na prisom em que estivesse. O meu irmao Suso e eu estivemos sempre muito cientes, escolhemos o nosso caminho e assumimo-lo com todas as suas consequências, mas a nossa família nom puido escolher, fomos nós que os arrastamos. Quando eu caio tinha 22 anos e o meu irmão Carlos tinha apenas 8. Desde essa idade que me visitou, junto à minha mae e meu pai por todas as prisons, escreviam-me, defendiam a minha opçom ideológica na rua, falavam com as pessoas e explicavam-lhe o motivo de eu estar na prisom. Pouco a pouco, com um trabalho de formiguinhas, conseguírom que eu tivesse o apoio das pessoas. Isso a polícia e a guarda civil nunca o perdoárom. Minha mae estivo sempre na mira deles.

> *"A Transiçom foi um engano que nom serviu para nada, e isto é um discurso que tem mais alcance do que nunca"*

Depois de todo esse percurso tam difícil, poucos dias antes de sair chega a pior das notícias para a família Cela Seoane.

Sim, depois de ter passado por situaçons muito difíceis, o pior pau que recebim foi quando estava na cadeia e ligo a casa e meu irmao Suso me conta que ao Carlos lhe dera um derrame e os médicos advertiam que a vida dele estava em perigo. Fôrom os piores dias da minha vida. Quando já morre, dixem-lhe ao Suso para que falasse com os médicos, que o mantivessem, que queria despedir-me dele. Cheguei à Corunha e vim a resposta, a quantidade de gente no velório, o seu sentimento, a solidariedade. A luta vale sempre a pena, como que morei na Corunha esses dias tam cheios de dor, mas com tanto carinho de gente.

A respeito do conflito territorial, que opiniom tens da situaçom galega neste momento?

Estamos um pouco atrasados em relaçom a Euskal Herria e Catalunha. Mesmo assim, o Estado Espanhol neste momento tem fraquezas muito importantes. O primeiro é que, digam lá o que quiserem, a batalha ideológica polo relato da transiçom tenhem-na perdida. A Transiçom foi um engano que nom serviu para nada, e isto é um discurso que tem mais alcance que nunca. O conflito territorial continua aceso porque nom se reconhece o direito dos povos a se autodeterminarem. O artigo 155 implicou a imposiçom dum estado de exceçom, mas nom vam poder acabar com a luta do povo catalám, que como no caso galego voltará a ressurgir. Estas crises confluem com a social, e isto vai acabar por explodir.

Como tenhem sido estes meses desde a tua saída?

Por experiência doutras vezes que saim, o primeiro que estou a fazer é pôr os pés na terra. 12 anos nom som tantos como nos anteriores 20, mas som muitos de desconexom da realidade, da rua, e eu neste momento estou é a tratar de ver as mudanças que se dêrom, como está a gente, e, sobretudo, ouvir. Meu irmao Suso e eu estávamos a apoiar a Pepita, porque a morte do Carlinhos foi muito dura para todos nós.

o bom viver

país/ A festa mexicana de Aviom/ **18**

cultura / Dança e género / **24**

cultura / Os Satélites / **26**

ronseis / Memória de Afonso / **28**

O silêncio de Cambedo

A aldeia de Cambedo da Raia, em Chaves, fora atacada em 20 de dezembro de 1946, numha operaçom em que participaram a GNR portuguesa e a Guardia Civil espanhola. Na procura de integrantes da guerrilha anti-franquista, a GNR disparou bombas de morteiro causando estragos na aldeia. O documentário *O Silêncio*, dirigido por José Alves Pereira e António Loja Neves –que faleceu em maio de 2018– recolhe as lembranças silenciadas da vizinhança do Cambedo arredor dessa data. página **22**

elena martín

Aviom: Ostentaçom com ritmo 'mariachi' e arrecendo a chili picante

elena martín lores
elenamartinlores@novas.gal

Entre as serras do Faro e do Suído, na província de Ourense, está Aviom, umha vila à qual se chega após serpentear por umha estrada quase impossível, entre curvas, pinheiros e vilas esvaziadas. Mas Aviom nom é famosa pola natureza que a rodeia. Esta vila tem entre os seus habitantes algumhas das fortunas mais grandes da Galiza, conseguidas na emigraçom, facto que celebram cada agosto através da sua conhecida Festa Mexicana.

Aviom é pouco mais do que umha rua que separa as províncias de Ponte Vedra e Ourense. Cada inverno, mui poucos som já os habitantes que vivem nesta parte da Galiza interior. Porém, o verao canta outra cançom, umha de 'mariachis' e riqueza, que explica porquê, numha vila tam pequena, com 1.800 habitantes, há quatro agências bancárias, duas delas do Banco Santander.

As veraneantes desta pequena vila interior som as descendentes daquelas pessoas que se deslocárom à América Central na procura dumha vida melhor. Cada ano, quando chega o calor, voltam à Galiza com a ideia de desfrutar dos momentos de tranquilidade que este lugar entre montanhas lhes oferece. E precisamente porque foi no México onde se enriquecérom é este país que homenageiam desde há quatorze anos. Durante umhas horas, em meados de agosto, a cidade fica pintada de verde, branco e vermelho e arrecende a burritos, quesadillas e tequila.

"Aqui veraneia Carlos Slim", conta Bea, umha das assistentes à festa mexicana enquanto saboreia um taco carregado de chili. Mas o quinto homem mais rico do Estado segundo a revista *Forbes* nom é o único milionário que fai a sua apariçom quando chega o calor. Outros como Amancio Ortega ou Luis Miguel decidem achegar-se até aqui, passeando em carros de luxo, que se somam aos que já estám matriculados no município –em 2016, sem ir mais longe, o 23% por cento dos carros de luxo com matrícula turística de Espanha tinha domicílio nesta vila–, ainda que esta tendência está a diminuir nos últimos anos. "Os Vázquez Raña, proprietários do grupo empresarial GEA, tenhem aqui umha mansom enorme de veraneio", prossegue a assistente.

Aviom é duas vilas numha, a que subsiste da agricultura e onde mais da metade da populaçom é pensionista, e a que chega de aviom privado e Lamborghinis

Vizinhas e visitantes de Aviom durante a festa.
elena martín

Na verdade, passear por esta diminuta 'aldeia' nom pode deixar indiferente ninguém. As casas de Aviom som poucas, mas som imensas. Casas de teto de piçarra, vários andares, janelas enormes e jardins impossíveis som o panorama dominante, tam só superado polas montanhas verdes que rodeiam Aviom.

A festa

Dam as seis e meia da tarde da sexta-feira 9 de agosto e começa a festa. Na praça principal há quatro postos de comida dalguns dos restaurantes mexicanos mais conhecidos da Galiza e demoram dous minutos em ter filas quilométricas de visitantes desejosos de degustar comida tradicional mexicana. Junto aos postos, começa a música: 'mariachis' iniciam o seu repertório, que nom cessará até as doze da noite, quando rifem umha cesta com produtos típicos.

"Eu cheguei aqui porque levo muito tempo fora do meu país e quero comer tamales, sobretodo", comenta Sara, umha rapariga mexicana. "Mas talvez me dá raiva. Tentei falar com algum dos habitantes desta vila sobre o tema da emigraçom, e dim que eles nom figérom o mesmo que os emigrantes de agora, que eles tivérom que trabalhar-se o seu futuro fora, como se os de agora nom o figessem e como se eles nom tivessem ajuda ali. Nom gosto de que umha festa assim nom sirva para criar consciência de que todos podemos ser emigrantes nalgum momento, sobretodo com a situaçom atual", acrescenta.

Nom há dúvida de que umha festa deste tipo poderia ajudar a conscientizar de que a emigraçom é umha soluçom desesperada e de que afinal poucos esquecem as suas raízes, mas parece mais bem umha festa que busca celebrar México um pouco polos seus tópicos. Umha hora de festa, e o excesso de álcool nom demora a aparecer. Os chapéus de charros fam a sua apariçom, e os 'Viva México' ouvem-se entre pasodoble e pasodoble. Porém, nom todas as assistentes parecem satisfeitas com este jeito de homenagear a cultura mexicana. "Parece que a única música que existe no México som os 'mariachis', quando no meu país temos muitos outros tipos de música", queixa-se Rodrigo. "A comida sim que tem o meu aprovado", acrescenta a brincar.

Mas o resto nom parecem tam descontentes, cousa que nom é estranha tendo em conta a média de idade dos visitantes desta festa e que o que eles desejam é celebrar o seu enriquecimento e o país em que figérom isto possível. A meia tarde os miúdos tentam rebentar umha pinhata com forma de mulher em traje tradicional mexicano. Conforme vai escurecendo, as luzes das casas, que passam onze meses fechadas o resto do ano, iluminam-se como se quigessem participar do evento. Aviom é duas vilas numha, a que subsiste da agricultura e onde mais da metade da populaçom é pensionista, e a que chega de aviom privado e Lamborghinis. É difícil definir a festa de Aviom, mas do que nom há dúvida é de que representa o 'éxito' na emigraçom, signifique isto o que significar.

sacauntos
cooperativa gráfica
imagem corporativa
design web e editorial
impressom de livros e revistas
grande e pequeno formato
www.sacauntos.com

Processom do Sam Lourenço da igreja de Cereixa até o castro.
concelho da Póvoa do Brolhom

A memória de Sam Lourenço

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

O castro de Sam Lourenço encontra-se na paróquia de Cereixa, na Póvoa do Brolhom. Nos últimos quatro anos encontra-se a desenvolver um projeto arqueológico à volta dele. Com a participaçom ativa da vizinhança, nestas escavaçons saírom à luz, para além dos restos de vivendas do castro pré-romano, umha necrópole altomedieval e umha edificaçom religiosa também de origem medieval. As escavaçons deste verao acabárom com umha boa notícia: o achado de um esqueleto em boas condiçons num dos sartegos da necrópole medieval.

A paróquia de Cereixa encontra-se rodeada de história. Neste lugar a tradiçom oral mantém viva a memória da Maria Castanha, quem no século XIV teria liderado umha revolta contra a cobrança de impostos por parte do bispo. Assim, a associaçom vicinal desta paróquia que se comprometeu com a escavaçom do castro de Sam Lourenço tem o seu nome e as gentes da paróquia sabem dizer qual teria sido a casa em que teria nascido Maria Castanha. Nom seria esta a única revolta medieval da zona: a Póvoa do Brolhom ganharia o gentilício de *guímara* nas revoltas do século XV contra os tributos impostos polo conde de Lemos.

Memória é algo que na última romaria de Sam Lourenço, celebrada no 10 de agosto, estivo presente. Esta nom é umha romaria típica, pois o seu objetivo é pôr em contato o passado e o presente de Cereixa. A sua celebraçom está vinculada com o projeto arqueológico que a própria vizinhança está a desenvolver no castro de Sam Lourenço e com umha velha tradiçom que se perdeu no século XIX: o deslocamento da figura deste santo da igreja paroquial de Cereixa até ao lugar do castro para que trouxesse água nas épocas de seca. "Pretende ser umha festa intergeracional, em que se transmita cultura popular, memória histórica, integraçom da comunidade, reivindicaçom do idioma e da cultura camponesa, que foi subalternizada muitas vezes dentro das festas oficiais". Assim é como explica esta celebraçom o arqueólogo Xurxo Ayán, membro da associaçom de vizinhas de Cereixa e cujas raízes familiares encontram-se neste lugar.

Castro pré-romano

Durante a visita ao castro dentro do programa da romaria, Ayán expóm a sua história. "É um castro que surge na segunda idade do ferro, provavelmente no século III antes da nossa era e que provavelmente fosse abandonado justo antes da chegada dos romanos há uns 2000 anos".

A romaria de Sam Lourenço, em Cereixa -Póvoa do Brolhom-, está relacionada com o projeto arqueológico que a vizinhança desenvolve no castro deste lugar

Um momento da romaria, acarom da exploraçom arqueológica do castro.
concelho da Póvoa do Brolhom

Crianças e adultas ficam observando de perto os sartegos na necrópole. Estes sartegos apareceram uns ao lado dos outros sendo que fôrom construídos com paredes de alvenaria e cobertura em lousa. A origem da necrópole situa-se no século X, o que poderia implicar umha reocupaçom do velho castro na época altomedieval. Ayán oferece algo de contexto: "os medievalistas na Europa tenhem vindo a constatar que os séculos IX e X som umha época de violência generalizada. É também um momento em que se está a configurar o feudalismo". Dá-se entom umha etapa de refortificaçom, que na Galiza se expressa com o regressar da populaçom aos castros. "Som mui comuns santuários ou necrópoles medievais em que espaços anteriormente ocupados por castros romanos ou prerromanos som cristianizados. De facto, vemos como se torna a fortificar com umha nova muralha de pedra e que o perímetro nom se corresponde com a muralha antiga.» expóm Ayán.

Já por cima da necrópole surgírom vestígios de um antigo santuário, o qual teria sido remodelado ainda no século XVI. Ayán liga esse possível impulso ao culto a Sam Lourenço com a época da Contrarreforma –coincidente com a construçom de *San Lorenzo de El Escorial*– e, especialmente, com o bispo de Lugo Fernando de Velosillo, homem de confiança de Filipe II quem anos antes de ter conseguido este cargo episcopal teria participado no Concílio de Trento. Porém, o culto ao Sam Lourenço desaparecerá no século XVIII, voltando em ocasions pontuais em anos de profunda seca. Assim, a tradiçom oral indica que a efígie de Sam Lourenço que se encontra na igreja paroquial de Cereixa provém do santuário no castro, ao qual, segundo contam, escapava de volta ao seu lugar de origem polas noites por nom encontrar-se à vontade nessa sua nova localizaçom.

Este verao continuárom as escavaçons na necrópole. Para o último dia da campanha deixárom os sartegos mais promissores, aqueles em que nom fora deitada terra e, portanto, com mais possibilidades para a boa conservaçom dos restos humanos. Assim, alguns dias após a romaria descobria-se num deles um esqueleto de origem altomedieval quase completo. A antropóloga física Candela Martínez fijo umha valoraçom primeira do esqueleto, indicando a probabilidade de que se tratasse do corpo de umha mulher, mas sendo ainda mui cedo para avançar dados. Este achado junta-se ao de *Atilano*, o esqueleto descoberto na campanha de 2017 e o qual esteve presente também na romaria.

Terras de guerrilha

Mas na romaria de Sam Lourenço há também memória mais recente. Ao longo do serám, recitárom-se poemas e cantares de cego no Buraco dos Mouros, umha rocha fundida -possível boca de umha antiga mina- que se encontra já fora do fosso de proteçom do castro. Nos anos que seguírom ao golpe fascista, neste buraco teria encontrado esconderijo o mestre Esteban Quiñones, que chegou às terras do Brolhom procedente de La Bañeza -em Leom- depois de que o seu pai fosse assassinado polo fascismo.

Ayán afirma que no Brolhom houvo duas etapas repressivas. A primeira em 1936. "Na Póvoa a repressom foi selvagem, o alcaide republicano foi fuzilado tendo sido documentados 56 assassinatos". A segunda etapa repressiva está vinculada com a repressom contra a guerrilha anti-franquista. "Aqui a guerrilha tinha um apoio enorme, tanto na paróquia de Chavaga como de Cereixa. O 20 de abril de 1949 foi a grande operaçom militar contra a guerrilha, e aqui em Cereixa foram detidas 14 pessoas", expóm o arqueólogo.

O dia que indica Ayán é o da conhecida como batalha de Repil, lugar da paróquia de Chavaga, pertencente ao concelho de Monforte de Lemos, mas adjacente a Cereixa. Nessa jornada destacamentos militares de Lugo e Ponferrada atacárom duas casas em que se encontravam guerrilheiros da II Agrupaçom do Exército Guerrilheiro, que fora conformada após a dissoluçom da Federaçom de Guerrilhas Leom-Galiza. Numha delas morria o guerrilheiro 'Rocesvinto' e dous membros da família da casa. Na outra casa, na de Repil, morrérom três guerrilheiros, tendo um deles conseguido escapar sem ferimentos e outro, «Segura», recebido um disparo que lhe desfigurou a cara, e conseguindo salvar a vida ao escapar polo monte até Cereixa, onde seria atendido polo padre. Após este ataque, a repressom focou-se na vizinhança que apoiou a atividade guerrilheira.

Implicaçom da comunidade

Este ano decorreu a quarta ediçom da romaria de sam Lourenço. Pudemos conversar com Xurxo Ayán, num momento de impasse da celebraçom, sobre o significado desta festa e as questons que conformárom o corpo desta crónica. "Os castros que estám vivos som aqueles que a gente utiliza como espaços de lazer e espaços sociais", reflete o arqueólogo, quem está ciente também de que "somos mui arriscados e recebemos críticas, mas nom entendemos outra maneira de fazer arqueologia que nom seja esta". Salienta que é a comunidade a protagonista deste projeto, "é ela a marcar a agenda e a que trata de cuidar deste espaço ao longo do ano. Isto é bonito um dia, mas exige manutençom, proteçom e divulgaçom".

As vozes e vidas quebradas de Cambedo

'Novas da Galiza' organizou em julho, no centro social O Pichel de Compostela, umha jornada de cinema e debate arredor do documentário 'O Silêncio' e a memória da repressom franquista na raia

maria rodinho
mariarodinho@novas.gal

Em Cambedo da Raia, no município português de Chaves, há casas em ruínas que amostram a destruiçom causada polas bombas em 1946, mas no filme *O Silêncio*, documentário sobre o acontecido entom nesta pequena aldeia fronteiriça entre Galiza e Portugal, nom as vemos. A esta decisom de deixar fora de plano o rasto material da batalha remete José Alves Pereira, co-realizador do filme, quando explica a natureza de *O Silêncio*: umha reconstruçom dos trágicos acontecimentos daqueles dias e do sofrimento, a repressom e o opróbrio que a população de Cambedo arrastou durante décadas construída a partir dos depoimentos de quem os viveu em carne própria.

Assim, assistimos aos relatos de lembranças silenciadas por décadas; testemunhos às vezes fragmentários, às vezes contraditórios, mas com uma capacidade única para transmitir-nos o horror e o medo graças a esses pormenores que só pode guardar a memória de quem viveu os fatos e ficou fundamente marcado por eles.

Alves Pereira, que dirigiu *O Silêncio* junto com António Loja Neves −falecido em maio de 2018−, a antropóloga Paula Godinho e a jornalista Ana Luísa Rodrigues forom os encarregados de apresentar a projeçom do filme que este jornal ofereceu em Compostela o passado 23 de julho. Um concorrido serão de cinema no centro social O Pichel, mas também umha ocasiom ótima para falar da violência e a repressom franquista e salazarista, da colaboraçom e os pontos de encontro entre ambas as ditaduras e da necessidade de preservar, divulgar e reivindicar esta valiosa memória frente ao esquecimento e o revisionismo. Umha memória que é também lembrança e comemoraçom da dignidade e a solidariedade que emergem em lugares e tempos de fronteira.

Todo isto a partir de um filme que, pelas muitas vicissitudes que sofreu desde que iniciou a sua filmagem em janeiro de 1999 até a sua estreia em 2016, pode considerar-se em si próprio um ato de resistência. Hoje, passadas mais de duas décadas desde os primeiros passos do projeto, som já pou-

'O Silêncio' é umha reconstruçom dos trágicos acontecimentos de 1946 em Cambedo a partir de depoimentos da vizinhança

cas as pessoas ainda vivas e lúcidas sobreviventes da batalha. Assim, o protagonista de um dos testemunhos mais comovedores do filme, Arlindo Espírito Santo, morreu semanas antes da projeçom de Compostela. Com umha vida truncada aos 16 anos pela detençom de boa parte da sua família, as palavras e os silêncios de Espírito Santo, filho de um soldado da Guarda Fiscal acusado de colaborar com os guerrilheiros galegos, transmitem toda a dor causada pela injustiça nom reparada e a mentira e a ocultaçom impostas durante anos.

Da infâmia ao reconhecimento

Foi preciso meio século para que, com um singelo ato de homenagem, começa-se a romper-se o silêncio em torno da batalha de Cambedo. Em dezembro de 1996, a partir de umha iniciativa surgida na Galiza, foi colocada no centro da aldeia uma placa com a legenda "En lembranza do voso sufrimento. 1946-1946" e, desde então, conta Paula Godinho, a vizinhança de Cambedo encarrega-se de que sempre luza limpa e brilhante. Com a memória recuperada e com a gratidom pela solidariedade que a aldeia ofereceu aos guerrilheiros galegos que lá se refugiárom chegou também a autoestima e a substituiçom da etiqueta de povo de criminosos pelo agradecimento e o reconhecimento das terríveis consequências que a sua populaçom sofreu.

As décadas malditas de Cambedo foram a tortuosa prolongação de dois dias de extrema violência. O 20 de dezembro de 1946 a aldeia foi cercada por centos de agentes da GNR (a Guarda Nacional republicana portuguesa), da PIDE (a polícia política salazarista) e da Guardia Civil espanhola. Cambedo foi bombardeado sem piedade com dúzias de morteiros, as casas fôrom assaltadas em busca dos guerrilheiros e o assédio deixou dois mortos e 18 pessoas presas trasladadas ao Porto. Sabemos que em Cambedo assassinaram a Juan Salgado, que Bernardino Garcia se suicidou e que Demétrio Garcia foi apressado. Graças ao documentário também podemos saber como era a vida quotidiana dos três antes da batalha e como os lembram quem conhecérom o Juan, o 'capitão Garcia' e o 'Pedro'.

"Cambedo é um exemplo excecional do refúgio e a solidariedade que ofereceu a raia"

Para conseguir arrancar dos protagonistas do documentário nom só as suas lembranças, mas também os sentimentos sobre as suas próprias vidas calados durante anos, José Alves Pereira e António Loja Neves construírom com eles relaçons de autêntica amizade. O profundo respeito e o afeto com que desenvolvérom o seu trabalho em Cambedo foi, crê Alves Pereira, o único segredo para que a vizinhança aceita-se participar no filme. Das relaçons humanas depende também em boa parte a tarefa de Paula Godinho, que realiza trabalho de campo como antropóloga no território da fronteira há muitos anos. Godinho nom é só umha apaixonada estudiosa da raia e das histórias que nela se escondem, mas também umha divulgadora entusiasta da memória destas terras. Os espaços fronteiriços são para ela espaços de comunicaçom, refúgio e solidariedade, algo do que a história de Cambedo é um exemplo excecional.

A luita pela memória

A investigaçom, preservaçom e divulgaçom da história recente é também um dos eixos do trabalho de Ana Luísa Rodrigues, jornalista da RTP que tem feito da repercussom da guerra civil espanhola em Portugal um dos seus focos de interesse. Assim, Rodrigues é autora de "A guerra também foi nossa", umha reportagem de investigaçom sobre os portugueses repressaliados polo franquismo. Embora o trabalho do realizador, da antropóloga e da jornalista difira nas suas perspetivas e metodologias, há uma coisa na que coincidem: a necessidade de que a memória histórica da fronteira, especialmente a dos episódios ligados à guerra e a repressom franquista e salazarista sejam estudados e divulgados, aproveitando contrarrelógio as últimas oportunidades de coletar depoimentos em primeira pessoa.

Por enquanto, umha equipa de arqueólogos, dirigida por Rui Gomes Coelho e Xurxo Ayán, foi recentemente visitar Cambedo e a casa de dona Albertina: a vivenda em ruínas que ainda permanece na aldeia como testemunho de pedra da destruição. Assim, somando contribuiçons diversas, é que será possível que a memória se imponha ao silêncio.

TRADIÇOM /

Quando o povo baila... Está a pensar em ser observado?

andar cos tempos

Corria o ano 1928 quando José Gil percorreu com a sua câmara diferentes festas do Vale Minhor gravando como as pessoas festejavam na primeira trintena do século XX. O resultado foi um filme chamado *Nuestras Fiestas de allá*.

Este filme constitui-se como o primeiro documento audiovisual, do qual temos constância até o de agora, que recolhe o baile etiquetado como "tradicional". O baile que no século XXI segue a produzir-se em duas esferas distintas: a do torreiro e a do cenário.

Vamos olhar para o documento. Reparemos nos momentos em que se analisa o baile solto. O que vemos? Vemos um momento espontâneo da festa onde o baile nom se mostra, senom onde o baile vai-se criando de maneira natural sem o objetivo de ser observado. Um baile lúdico que se gera ligado ao seu contexto festivo e socializador, espontâneo e aberto, um baile variável fruito da criaçom coletiva, no qual a música é companheira incondicional e onde o modo de vestir nom é determinante nem para botar-se a bailar, nem para decidir como fazê-lo.

E é que, quando o povo baila, nom está a pensar em ser observado. Quando isto acontece, quando o torreiro se converte num cenário e o objetivo do baile passa do festejo à contemplaçom, já nom estamos perante o baile espontâneo que se via no filme, estamos perante baile folclorizado, é dizer, coreografias criadas para um cenário baseadas a partir do que se supom o baile do século XIX.

O folclorismo nasceu no século XIX amparado polo quadro do Ressurgimento e do Romantismo, baixo a sede de grupos de elite social associados à burguesia. A partir deste momento, oferecérom-se espetáculos de cenário baseados numha cultura rural idealizada, com o objetivo de dignificá-lo e conservá-lo. O baile conceptualiza-se como símbolo de identidade e pauta-se aquilo digno de representar. Converte-se num produto cultural estático através do qual vam-se transmitir preconceitos próprios da moral burguesa do momento, onde a mulher representará-se como *anjo do fogar*, é dizer, como mulher submissa e passiva.

A partir de agora, o povo que sobe ao cenário vai pensar em ser observado, e o baile será formal, dirigido e organizado através da criaçom individual, afastado do seu contexto natural, pautado e rígido. Vai ser baile de espetáculo baseado na ideologia do seu pai: o folclorismo do dezanove. Se nom, por que é que se marca a base do "autêntico" no século XIX e nom noutra época?

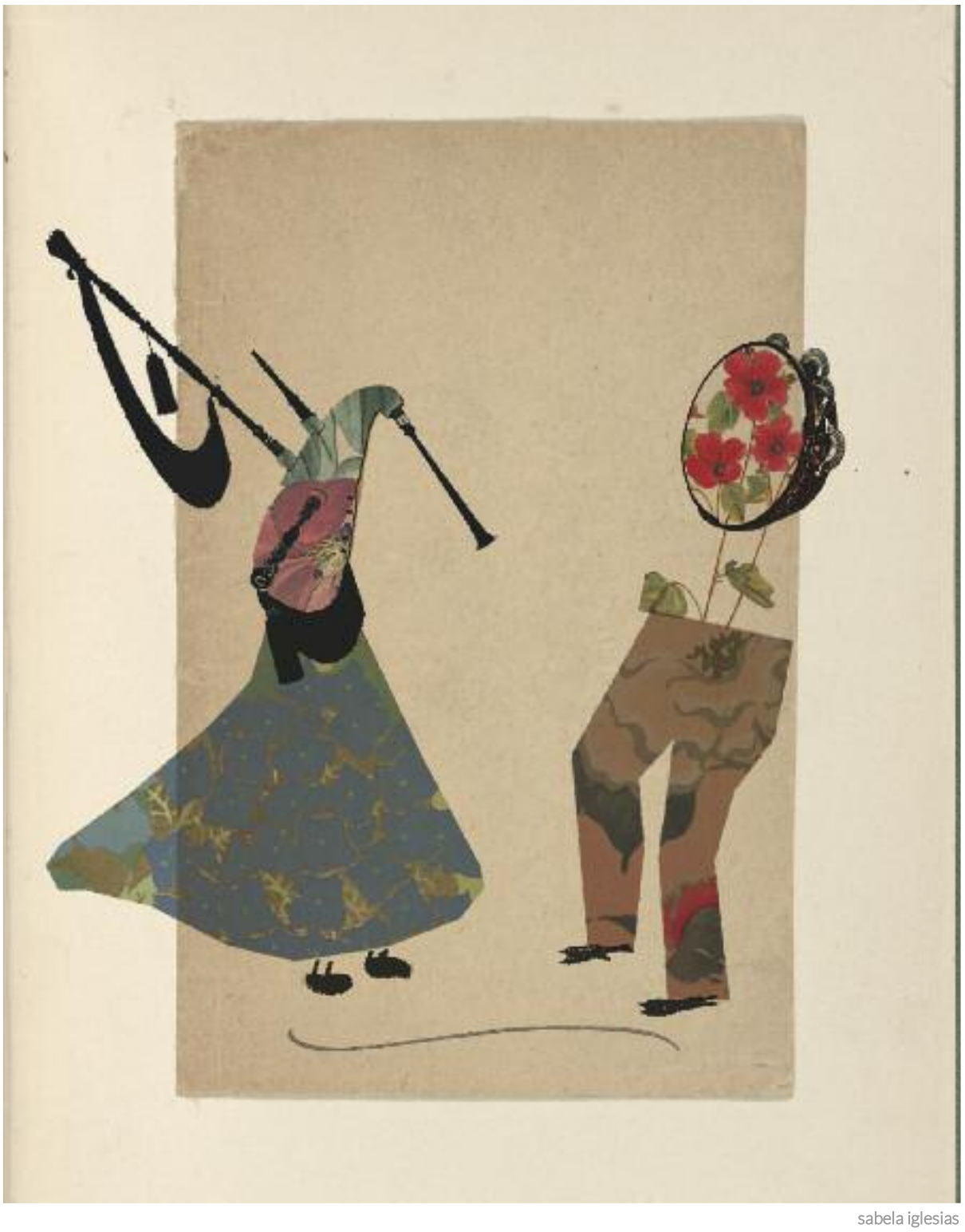
Encenaçom após encenaçom vai-se fixando o que se considera essencial do baile, e a frase *isto sempre se fijo assim*, vai cobrando peso argumentativo, esquecendo que é um argumento criado nom a partir do baile espontâneo, senom sobre a cultura folclorizada, num momento concreto da história.

Como construto individual que é, já que depende dumha direçom artística, o baile de cenário irá, inevitavelmente, aceitando distintas mudanças a depender da ideologia e dos gostos estéticos do momento. De misturar baile com teatro no começo do século XX, passando por incorporar objetos de uso cotiám como as patelas na Seçom Feminina, até introduzir mudanças relacionadas com a espetacularidade e a grande qualidade técnica que hoje em dia mostram as agrupaçons folclóricas.

Comparemos o filme de José Gil, é dizer, a imagem do baile espontâneo mais próximo ao século XIX que temos, com as representaçons de cenário que tentam mostrar o baile desse mesmo momento. O que vemos? No filme vemos baile conformado por pequenos grupos ou com parelhas ilhadas dispostas aleatoriamente. Vemos formas de bailar diferenciadas mais polo estilo pessoal do que por estereótipos de género. Vemos diversidade. Num cenário geralmente vemos grande precisom técnica, uniformidade nos movimentos e na vestimenta, grandes filas, nas quais a um lado sempre se colocam os homens e ao outro as mulheres, e onde se marcam modos de bailar estereotipados por roles de género. Realmente um está a representar ao outro, ou há mudanças e diferenças?

As mudanças dam-se irremediavelmente até nos

Ainda que ambas as cousas nom acontecessem no século XIX, no baile tradicional as mudanças relacionadas com a espetacularidade admitem-se, embora as relacionadas com a igualdade de género batem com reticências e contra-argumentos amparados no estatismo



sabela iglesias

produtos que se amparam em frases de estatismo como a de *isto sempre se fijo assim*. Na cultura viva as mudanças e adaptaçons fam com que siga a estar viva, e é o coletivo quem vai selecionando aquilo que considera válido e digno de manter. Nas encenaçons do passado também se dam mudanças, mas a seleçom dos mesmos nom é comunitária, senom que desta volta serám as pessoas que tenhem poder de decisom sobre as encenaçons quem aceitem as mudanças em valores ou práticas, ao tempo de considerarem outras transformaçons como deturpaçom do "genuíno". Para entendermo-nos: fazer filas enormes é aceite pola hegemonia, mas que as mulheres saquem ponto, nom! Ainda que ambas as cousas nom acontecessem no século XIX, as mudanças relacionadas com a espetacularidade admitem-se, embora as relacionadas com a igualdade de género batem com reticências e contra-argumentos amparadas no estatismo.

Dum tempo a esta parte os torreiros enchérom-se de vida e o povo volta a dançar para nom ser observado, para socializar e festejar como víamos no filme de 1928. Para chegar a este ponto, o papel das agrupaçons foi de vital importância à hora de seguir transmitindo o baile quando a transmissom geracional se truncou.

Mas realmente conseguimos bailar nas foliadas sem reproduzir os estereótipos que se mostram nas representaçons? Para que realmente consigamos bailar de forma natural e livre, é necessário revisar o que se considera válido à hora de subi-lo ao cenário, pois todo o que vemos cima dele, transcende debaixo. O cenário é plataforma de difusom e, portanto, ferramenta de prestígio. Irremediavelmente exerce influência sobre o baile espontâneo, pois a maioria das pessoas que hoje em dia bailamos, aprendemos nas escolas das agrupaçons e, inconscientemente, acabamos trasladando ao torreiro parte da mensagem folclorista construída a partir do romantismo do XIX. É a nossa responsabilidade revisarmos as pautas que se ensinam como estáticas pois, como acabamos de analisar, há referentes que nos mostram que o baile nom *sempre se fijo assim*, e que as mudanças existem em todas as suas esferas.

Também é legítimo bailar querendo ser observado, mas é de responsabilidade social fazer representaçons que deam mostra dum povo a bailar em igualdade.

Andar cos tempos é um projeto que revisa o baile e a música tradicionais dumha perspetiva de género. É gerido por Carme Campo e Chus Caramés, educadoras, bailadoras e professoras de baile em associaçons como A Gentalha do Pichel.

O cotovelaço da minha tia Loli

brais pedreira

Ninguém dixo que os 26 anos fossem umha idade fácil. Com certeza som umha idade pouco icónica. Com 25 abrem-se as expetativas dumha vida adulta e aos 27 um, ou a sorte, sempre tenhem a tentaçom de fazer que entres num dos clubes mais famosos do mundo. Mas ninguém fala dos 26 anos, essa idade aparentemente morta.

Os 26 som a idade em que umha pessoa se vê obrigada a ter que decidir realmente qual caminho tomar no futuro, a idade em que começas a perguntar-te como e por que chegaste onde estás: a esta espécie de abismo laboral para o qual nom te preparárom, a esta espécie de selva interpessoal para a qual nom te preparárom, a umha montra multimédia onde ou estás ou nom existes para o qual nom te preparárom... Vaia, que aos 26 anos descobres que nom te preparárom para nada, definitivamente.

E entom, com 26 anos, reparas em para o que servem esses dous espelhos retrovisores que, até o momento, nunca repararas e começas a procurar no passado explicaçons a todo o que che ocorre. Por isso eu, que tenho que escrever sobre música e com 26 anos começo a perguntar-me se o que tenho que dizer pode interessar a alguém, nom tivem mais opçom que recorrer à imagem fixa que vejo nesses dous espelhos laterais: a Orquestra *Los Satélites* tocando no campo da festa de Boimorto.

Na história da minha vida até agora, dumha forma ou doutra, os Satélites sempre estivérom presentes. Lembro como cada caminho à casa dos meus avós no carro soava o seu disco, que a minha nai se empenhava em tocar enquanto o meu pai opunha certa resistência. Em realidade acho que aqui o meu pai opunha-se 'de farol', como se jogasse ao tute com a minha nai porque, à altura de Arçua, que sempre coincidia com a mesma cançom, era o primeiro em cantar a berros "*Pégale duro Ramón, pégale duro y cerrao*" enquanto nos contava o alto que estava o maínzo este ano (cada ano estava mais alto, nom sei como nunca chegou ao céu). Esse disco, sem dúvida, formava parte do imaginário da minha família até o ponto de que, se nos perguntassem a mim e à minha irmá como se conhecérom os meus pais, seguro que diríamos que "*tirándose piedritas en la quebrá*" e nom como sucedeu de verdade. Mas de todas as histórias que me acontecérom até hoje ligadas a esta orquestra, há umha que, nom sei por que razom, lembro de forma especial.

Era um sábado das festas do Rosário, que se celebram sempre em primeiros de setembro, assim que essas festas eram o momento que todo neno aborrecido de 7 anos aguardava todo o verao. Todo o verao a aguardar a ensaladilha e a carne com patacas amarelas, todo o verao a aguardar que os meus tios me digessem o muito que crescera esse ano e os meus primos contassem umha anedota engraçada ou falassem das fichagens do Dépor desse ano, todo o verao a aguardar a sessom vermute para pedir a meu pai, por favor, que me comprasse umha caixa de

Todos os que fomos a umha verbena sabemos que as horas prévias som algo precioso, muitas vezes o melhor da noite, porque todo som expetativas

petardos numha carpa e botá-los todos deixando de último o que tivesse a mecha mais comprida, que era o que mais ruído fazia.

Esse sábado tocavam *Los Satélites* à noite e parte da orquestra ceava na casa porque o meu tio Manolo e Javier, o trombonista, eram bons amigos ademais de vizinhos. Nos quartos de arriba havia umha dança de portas e segredos, os mais novos punham-se ao dia do que acontecera a noite anterior e abaixo, o cheiro às farias do meu avó inundava o comedor e os velhos falavam de temas que eu daquela ainda nom entendia demasiado.

Aquele dia éramos tantos na casa, e normalmente nom somos poucos, que os pequenos tivemos que comer noutro comedor. Assim que o único que lembro da ceia, e nom sei se é umha lembrança real ou umha invençom infantil, era a voz dum trompetista com acento cubano gritar à minha avoa do fundo do comedor "*María, son los mejores callos con garbanzos que he probado em mi vida*" e se realmente o dixo, nom era mentira.

Todos os que fomos a umha verbena sabemos que as horas prévias som algo precioso, muitas vezes o melhor da noite, porque todo som expetativas, todo é possível nesse momento em que se mistura certo nervosismo por nom saber que vai acontecer e, nas casas grandes, como era a minha, o cheiro da colónia de todos os teus primos deixando umha atmosfera especial no ambiente. Claro que também há berros desesperados para colher fila na única ducha da casa e por saber onde estám as calças que nom pugeste na sessom vermute para nom manchá-lo, e isso é assim desde os 5 aos 95 anos.

Nesta ocasiom havia algumha cousa especial, porque tínhamos preparado tirar por surpresa umhas camisolas da orquestra no meio do primeiro passe (na minha família temos tendência ao fenómeno 'grupie'), o que lhe dava um ponto de operaçom secreta que dava mais emoçom se cabe à verbena dessa noite. A minha tia Conchi subiu a reparti-las entre os novos da família e assim fomos todos aquele ano para o campo da festa em que se lembra o caminho mais longo e suoroso da minha família, que tentava nom dar nengum indício da prenda que levava escondida debaixo da roupa, respondendo com evasivas às perguntas de todos os vizinhos quando lhes diziam "mas nom tés calor com isso? Nom será melhor que quites algo?"

Quando chegamos os maiores dividírom-se em duas metades, os que esperavam a olhar a orquestra e suando a gota gorda e os que iam até o bochinche, buscar algo com gelos para suportar os últimos golpes de calor do verao. Os novos fugiam em bloco cara ao Nati, o único disco-pub, por chamar-lhe dalgumha forma, que havia em Boimorto. As portas desse sacrossanto soto de bar pintado de violeta com luzes de cores nom se me abririam até os 14, assim que fiquei pasmado a olhar para os carrinhos de choque, ali com os maiores, enquanto a minha tia advertia: "à 1:30 todos aqui e fazemos o das camisolas".

Ali esperei paciente o momento, entre merengue e bachata, até que todos volvérom para a música estrela dos Satélites, "*Así se enamorarom papá y mamá*", quando todos tiramos os casacos e descobrimos aquelas camisolas brancas. Com as presas porque a execuçom da surpresa fora perfeita a minha tia Loli deu-me um cotovelaço sem querer na cabeça. Nunca vira tantas luzes juntas, tratei de aguentar até o final da cançom fazendo força na frente para que nom se me visse o golpe. Foi um esforço inútil porque nada mais acabar a minha nai deu-se conta do negrom e dixo "assim nom podes ficar na festa, assim que vamos para a casa". A euforia do momento baixou-se-me rápido, passara do mais bonito para o mais triste num minuto e fum para casa outra vez com a esperança nom cumprida de pisar o Nati, porque a mim com a festa sempre me passou como a Arsénio, que ma quitárom dos focinhos.

As cançons de verbena som para mim como umha paisagem feliz

As cançons de verbena som para mim como umha paisagem feliz. Suponho que porque me lembram todas essas noites, todo esse nervosismo de antes de sair da casa, todas as histórias do dia seguinte, todas as sessons vermute, toda umha forma de atopar-se com as pessoas que queres por muito que faga que nom os vês. Porque *La Ventanita*, *Las Avispas*, *Suavemente*, *Pégame tu vicio* ou *Dolores se llamaba Lola* solo som umha escusa para estar com as pessoas que queres.

Afonso Mendes, meu amigo

diego bernal

Dim que a morte de um gémeo causa um grande impacto no outro. Afonso Mendes nom era o meu gémeo, nem o meu irmão, na verdade, nem sequer era familiar meu, porém, nom acho exagero dizer que houvo um tempo em que estávamos tam unidos que muitas pessoas acreditavam sermos irmãos. Foi nessa altura que alguns começárom a chamar-nos *Zipi e Zape*, como os gémeos das bandas desenhadas de Ibáñez.

Conhecim o Afonso 20 anos atrás, na Universidade da Corunha, na antiga faculdade de Filologia de Elvinha. Cabelo moreno, raspado, olhos castanhos, nariz aquilino e pele muito branca; o Afonso não seguia as modas de nengumha das tribos urbanas do momento: *jeans*, camiseta, botas de camurça de meio cano; ainda nom usava argola na orelha nem fumava *celtas*. Quanto à sua personalidade, combinava admiravelmente umha rigidez sueva com umha tenrura latina, umha dureza atlântica com umha melancolia céltica. Embrenhara polos caminhos da Filologia Galega pola funda impressom e admiraçom que lhe forjara a professora Pilar Palhares em COU, no liceu Zalaeta. Como a sua mestra, o Afonso escrevia poesia.

Logo nos figemos amigos. Ganhou alcunha e batizamos a nova era brindando com rum cola, em copo de tubo, ao som dos Diplomáticos de Monte Alto, no velho Alfaiate do Campo da Lenha. Chamávamo-lo Medieval. Nom me perguntedes porquê. Apenas podo dizer que esse enigmático sobrenome foi durante a minha etapa universitária sinónimo de amizade fiel, de alma gémea.

Eram outros tempos: O *trifachito* era Bush-Aznar-Fraga; sofríamos a ditadura Vázquez na cidade-estado da Corunha, o Desportivo de Lendoiro fazianos sonhar, pensávamos em pesetas e pagávamos em euros. Daquela, víamos *Mareas Vivas*, líamos romances de Manuel Rivas e Suso de Toro, ouvíamos

Metallica, Megadeath e Os Herdeiros da Crus e o galego podia ser escrito na norma da Xunta, em mínimos ou em máximos.

Nesta atmosfera organizamos, junto com o Manuel Dans, o congresso *O galego hoxe*, onde participárom vultos da vida política e cultural galega tam heterogéneos como Alonso Montero, Paco Rodríguez, Tuco Cerviño, Foz ou Maurício Castro; fundamos a associaçom cultural Tio Marcos da Portela e publicamos no boletim da Real Academia Galega *Os libros de Fontenla Leal*, sob a direçom do professor Xosé Maria Dobarro Paz, que sentava cátedra do bar Matelos.

Com entusiasmo juvenil, começamos a sentir a necessidade de mudar umha realidade provinciana que desprezava a cultura e a língua galega, que privatizava a universidade pública, que dividia as pessoas em ilusórias classes sociais e discriminava as mulheres. Nom demoramos em nos envolver no movimento estudantil da época. Frente à galegofobia e classismo das elites corunhesas, sentíamo-nos orgulhosamente galegos e de esquerda. AGIR, NÓS-UP, Briga, Primeira Linha, militamos no incipiente movimento independentista galego de começos do século e sonhamos com tomar o céu por assalto como na Comuna de Paris, como na Rússia, como na China, como em Cuba. Reuníamo-nos na livraria Sisargas da rua Curros Henriques e líamos e debatíamos o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, *O que fazer* e *O Estado e a Revoluçom* de Lenine, *O diário da Bolívia* de Che Guevara, *O pequeno manual do guerrilheiro urbano* de Marighella, *O comunismo que aí vem* de Chico Martins, *Misérias da globalizaçom capitalista* de Carlos Taibo e *Esplendor, crise e reconstruçom da alternativa comunista* de Justo de la Cueva. Ramiro Vidal Alvarinho, Carlos Morais, Rebeca e Minerva Oliveira participavam daquelas tertúlias.

O tempo transcorreu, acabamos os estudos, o movimento político ruiu, chegou a crise cíclica do capitalismo. Afastamo-nos. Eu fum dar aulas a Madri, Rio de Janeiro, Lisboa, Estremadura e ao Brasil de novo. O Afonso ficou na Corunha, trabalhou no mundo da legendagem e da traduçom de filmes, fundou a academia Barco de Papel e colaborou com o Diário Liberdade, escrevendo artigos sobre língua e cultura, e com a AGAL, dando cursos de galego.

Nos últimos anos refundamos a nossa amizade. Nas longas férias que ficava na Corunha, encontrávamos no Linda Rama do nosso amigo Alberto Pombo e bebíamos gin-tónicos cosmopolitas, em copos de balom, ouvindo fado. O Afonso era mais de *rock* e *heavy* da velha guarda, e além dos clássicos, gostava muito dos brasileiros Matanza, que conhecera graças à versom do Clube dos Canalhas feita polos Avante.

Ceávamos na Casa das Tortilhas da Luzia. O nosso menu: tortilha de pataca com roquefort e chouriço, bom pam, duas taças de mencia, torta de queixo de sobremesa e licor-café como traiçoeiro digestivo. Falávamos de cinema. O Afonso: John Ford, Tomás G. Alea , Ken Loach e Angelopoulos. Eu: Satjayit Ray, Anselmo Duarte, Buñuel e Yasujiro Ozu. Acabava de sair do prelo a seleçom de artigos *Remédios para o galego*, onde o Afonso tinha um texto, e acabamos bebendo um drinque Robert Burns no Bordello e brindando pola Escócia progressista e independente. Bem perto dali, o Afonso contribuíra anos atrás para a democratizaçom da praça das Atochas até entom chamada, *muera la inteligencia*.

Militamos no incipiente movimento independentista galego de começos do século e sonhamos com tomar o céu por assalto como na Comuna de Paris, como na Rússia, como na China, como em Cuba

Nestas idas e vindas minhas fazíamos planos. O Afonso tornara-se professor de língua e literatura galega num colégio da Corunha e aproveitávamos as férias para viajarmos a Braga umha vez por ano com o Dobarro e adquirir literatura na bonita livraria Centésima Página. Na última peregrinaçom laica, foi a vez da banda desenhada. Eu comprei *A vida de Che* de Oesterheld e os Breccia e o Afonso a *História de um rato mau* de Bryan Talbot, que eu lhe recomendara. "É muito bom –dixo-me– mas admito que nom é a minha praia". "Tá bem –respondim–, antes de eu voltar para Minas Gerais passas no meu apartamento e levas uns quadrinhos que som a tua cara". Esse dia véu ao meu localinho e pegou na trilogia de Diomedes, de Lourenço Mutarelli. Depois fomos a Ferrol e saímos à noite com o Maurício Castro. Despedimo-nos falando sobre a nossa conceiçom da arte e a próxima viagem que o Afonso ia fazer à Grécia com a sua amada companheira, Patrícia Fidalgo, com quem acabava de casar. Mas a lua de mel da Grécia acabou por virar tragédia grega.

Atordoado polo desaparecimento de um camarada, abalado pola morte de um amigo, magoado pola perda de um irmão, aquela despedida em Ferrol foi a derradeira. Já nom há tempo para as nossas estadias imaginadas em Lisboa, no Rio de Janeiro, na sua amada Irlanda. Já nom há lugar para as nossas conversas sobre cinema e literatura. Vou sentir imensas saudades tuas. Que a terra che seja leve, irmão!

AFONSO MENDES SOUTO
1980-2019

Demasiado novo e de modo inesperado, esta semana o movimento popular galego perdeu um militante da causa nacional e de classe, ativo em diferentes ámbitos de trabalho social desde os seus tempos de estudante de Filologia Galega na Universidade da Corunha.

Fôrom mais de duas décadas de compromisso, em forma de militância, estudo e divulgaçom da língua e do País. Incorporou-se desde muito novo às fileiras da esquerda independentista, no movimento juvenil, estudantil, político e cultural. Integrante do sindicato estudantil AGIR, foi membro fundador da organizaçom juvenil Briga, militante durante anos de NÓS-UP e Primeira Linha. Também promotor e ativo participante no Centro Social Gomes Gaioso, sócio da AGAL e nos últimos anos membro da Comissom Lingüística da Associaçom de Estudos Galegos (AEG) e do Conselho de Redaçom da sua revista, Kallaikia.

Em definitivo, o Afonso foi umha das pessoas que passam à história sem fazer barulho, nem mais interesse social que contribuir para umha Galiza melhor e um mundo mais humano.

Docente de Língua e Literatura Galegas, foi autor de diferentes trabalhos sobre essas matérias e, em geral, sobre cultura e história da Galiza, alguns deles ainda inéditos; espalhou, como bom revolucionário, as ideias da emancipaçom nacional e social do nosso país.

Igual que no caso do Foucelhas, nom esquecemos a sua fidelidade entusiasta como sócio e torcedor do Desportivo da Corunha.

Amig@s, companheir@s e camaradas queremos manifestar o nosso fundo pesar pola grande perda que para todos e todas nós supom o falecimento do Afonso, transmitindo as nossas condolências à família.

A sua memória viverá a partir de agora em nós.

Galiza, 29 de julho de 2019

Foto: Antía G. Sendón

"Mudar a realidade, construir de baixo para cima, está nas nossas maos"

Amig@s, companheir@s e camaradas nom te esquecem

CENTROSOCIAIS

COMPOSTELA/
O PICHEL
Santa Clara
CASA DE SAR
Curros Enríquez
CSOA O ATURUXO DAS MARIAS
Cruzeiro do Gaio
CSOA ESCÁRNIO
Algalia de arriba

VIGO/
A COVA DOS RATOS
Romil
DISTRITO 09
Coia
FAISCA
Calvario
A REVOLTA DO BERBÊS
Rua Real
CSOA A QUINTA DA CARMINHA
Rua do Carme

OURENSE/
CSO A KASA NEGRA
Perdigom
A GALLEIRA
Praça Sam Cosme

SALZEDA DE CASELAS/
O MATADOIRO
Senda do rio Landres

RIBEIRA/
CSA O FERVEDOIRO
Rua Mendes Nunes

LUGO/
CS MADIA LEVA
Serra dos Ancares
CS VAGALUME
Rua das Nóreas

A CORUNHA/
CS A COMUNA
Doutor Ferrant
CS GOMES GAIOSO
Marconi
ATENEO LIBERTÁRIO XOSÉ TARRIO
Gil Vicente

FERROL/
CS ARTÁBRIA
Trav. Batalhons
ATENEO FERROLAN
Magdalena

NAROM/
CS A REVOLTA DE TRASANCOS
Alcalde Quintanilla

ALHARIZ/
CSA CAMBALHOTA
Caminho do Castelo

A GUARDA/
O FUSCALHO
Frente a Atalaia

PONTE D'EUME/
LS DO COLECTIVO TERRA
Boa Vista
CSOA A CASA DA ESTACION
Avda. Ferrol

BURELA/
CS XEBRA
Leandro Curcuny

PONTE VEDRA/
LICEO MUTANTE
Rosalia de Castro
O QUILOMBO
Princesa

CANGAS/
A TIRADOURA
Reboredo

CASTROVERDE/
A CHAVES DAS NOCES
Sam Juliam de Pereiramá

SÁRRIA/
BURIL
Travessia da Rua Nova

O QUE FAZER?

IX ENCONTRO 'O RURAL QUERE XENTE'. De 6 a 8 de setembro desenvolverá-se em Roupar de Arriba -em Germade, na Terra Chá- um novo encontro da rede 'O rural quere xente'.Nestes dias haverá obradoiros, faladoiros e debates arredor de experiências no rural galego. A contribuiçom económica pola participaçom das jornadas será de 20 euros por pessoa inscrita -ou 10 euros caso assistir um só dia-.
ROUPAR DE ARRIBA, GERMADE.
SEXTA-FEIRA 6 A DOMINGO 8 DE SETEMBRO

BRIGADAS DESEUCALIPTIZADORAS E APRESENTAÇOM DO LIVRO 'MANCOMUNIDADE'. Com motivo da greve global polo clima, as brigadas deseucaliptizadoras de Verdegaia convocam umha jornada na área conservada pola comunidade vizinal de Frojám, em Lousame. De tarde, terá lugar a IV Romaria da Coluna San Fins e a apresentaçom do livro 'Mancomunidade' de Joám Evans.
FROJÁM, LOUSAME.
SÁBADO 28 DE SETEMBRO

VIII FESTIVAL DAS BRÉTEMAS. No primeiro dia deste festival terám lugar os concertos de ZAF, Flow do Toxo e a pinchada de A Resistência do Dedo Médio. Na noite do sábado atuarám Tamborililás, Mounqup, Güintervan, Tesa, Saya e Tremenda Jauría. Nas duas jornadas, celebrarám-se diversas atividades arredor do tema deste ano, que é 'Atravessadas' em referência às diversas opressons que transpassam a vida das pessoas de jeito transversal.
PRAÇA DA FEIRA VELHA, PONTE AREIAS.
SEXTA-FEIRA 27 E SÁBADO 28 DE SETEMBRO

isto nom é um periódico

nas tuas maos tes umha ferramenta
feita com o trabalho de muitas pessoas que cada mês fam a sua achega à construçom dum meio próprio, que acompanhe a galiza que se move e abra fendas nas estreitas paredes do discurso dos poderes.

mas esse trabalho, do jornalístico à distribuiçom, move-se graças ao motor da nossa comunidade de leitoras. desde a aposta firme na independência informativa, as subscriçons som a garantia de mais e melhor informaçom crítica, mais e melhor novas da galiza.
por isso, está também na tua mao.

fai-no possível
em www.novas.gal/loja

Marta Seco
fiadeira

tito ledo

“Fiar lã é o jeito de a valorar como matéria prima”

raquel c. pérez
raquelceciliaperez@novas.gal

Marta Seco exerce o ofício de fiandeira sob o nome de ‘Velaivén’. Em setembro Germade, onde vive, acolherá o encontro ‘O Rural Quer Gente’ e ela lecionará um obradoiro de fiado de lã.

Quando tiraste do primeiro fio e porque te fás fiandeira?

Foi no inverno de 2013-2014. Umha senhora, Fina Casal, insistiu em que fosse aprender à sua casa. Foi engraçado, porque depois da primeira liçom, vendeu-me um fuso e dixo “som cinco euros à hora”. Eu achei bem, foi parte da aprendizagem, ela valorava o seu tempo e saber. É umha mulher forte, começou a fiar porque lhe deu um ictus e nom podia trabalhar no campo. Fum aprendendo pouco a pouco e acabei enredando.

Dela nom só aprendeste um oficio, senom o objetivo de transmiti-lo.

Sim, ademais as ovelhas som tosquiadas todos os anos na primavera e para os gandeiros é um resíduo, umha carga. Fia-la é umha maneira de valorar essa matéria prima. Antes muitas pessoas davam-me lã, prestava-lhes que tecesses com ela. Agora só fio a de Quico de Beealia, de Pol, que provém de rebanhos e pastos ecológicos.

O trabalho de fiandeira racha com os ritmos industriais de produçom e compra de roupa atuais.

Racha, sim, eu procuro fazer peças que durem, que nom passem “de moda”. É lento, fago-o com carinho no dia a dia. É mui difícil viver de ser fiandeira, integrei o processo na minha vida mas nom poderia dizer que vivo disto.

Do mesmo jeito que é reivindicada umha alimentaçom de proximidade, devemos fazê-lo na vestimenta?

Apoio e concordo com as campanhas que defendem a roupa limpa, a nom exploraçom e a nom poluiçom, mas nom é simples. Em vez de mercar umha peça sustentável, mercas umhas calças e umha camisola na feira. Sim que o defendo, mas tampouco podo dizer que eu mesma nom tenha contradiçons.

Transmites a sabedoria da tradiçom. Do mesmo modo que zocos e dança cobram novas vidas, fai-no também o fiado de lã?

Há muito movimento à volta do fiado, pessoas novas que venhem aos obradoiros e gostam de tecer. Figem obradoiros por toda a geografia galega. Nos fiadeiros antes era onde se fazia música, umha maneira de juntar-se. Hoje isso é retomado dum jeito similar a aquele. Na Lavandeira, perto de Cabanas, vai-se fazer um encontro de fiandeiras. Venhem pessoas partilharem a sua sabedoria e venderem os seus produtos. Onde eu vivo, em Germade, fai-se um encontro similar com torneiros de madeira, trazem ferramentas que nom é doado encontrar.

Por fim

Sara Villar Aira

Por fim. Carvalho Calero. Isso devemos de pensar todas, ao saber que lhe iam dedicar o Dia das Letras Galegas de 2020. Mas esse alívio do “por fim” viu-se luxado pola grande espera e polo espetáculo que arredor disto houvo, e ao fim, pode ser que nos alegrássemos demasiado rápido, tal como nas eleiçons estatais deste ano ao ver que nom ganharam as direitas. Umha alegria precipitada e inocente ao pensar que, por umha vez, nos tiveram em conta. Tristemente nom, porque para isso há que escuitar e parece que no mundo em que vivemos as instituiçons cada vez padecem mais umha surdez crónica, doença de quem nom quer ouvir e fai como um velho da minha vila, que quando nom lhe interessava a conversa dizia “por aqui nom se ouve nada”.

Pois por ali, pola rua Tabernas, parece que tampouco. De ser assim, Dom Ricardo já estaria homenageado há uns anos; daquela, lembrariam a homenagem a Lois Pereiro em 2011 e todo o que espertou e com isso, andariam com os tempos, que como dizia Celso Emilio Ferreiro “cada tempo tem seu tempo”, e decatariam-se de que este, se quadra, na vez do ano de Fraguas, é o de Xela Arias, o de Luísa Villalta ou o de Leonarda de Tallo, que na literatura popular nom só importa quem a recolhe.

Se escuitassem, em definitivo, reflexionariam sobre a imagem que a literatura galega pode projetar se somos fieis aos tempos que correm. Talvez assim, as Letras Galegas pudessem fazer honra do seu nome e do seu propósito e nom ficarem reduzidas a umha data marcada no almanaque para os académicos vestirem o traje das grandes efemérides. Cumpririam desta maneira o objetivo primeiro, a exaltaçom e promoçom da nossa literatura e da nossa língua. E assim, estariam-nos lembrando que as instituiçons só tenhem legitimidade na medida em que cumprirem a funçom que lhes dá sentido. E assim, por fim, alegraremo-nos com motivo.